AS TRADUÇÕES DE RACHEL DE QUEIROZ NA DÉCADA DE 40 DO SÉCULO XX

Priscilla Pellegrino de Oliveira

Priscilla Pellegrino de Oliveira

AS TRADUÇÕES DE RACHEL DE QUEIROZ NA DÉCADA DE 40 DO SÉCULO XX

Monografia submetida ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de bacharel em Letras: Ênfase em Tradução – Inglês, elaborada sob a orientação da Profª. Drª. Maria Clara Castellões de Oliveira.

Juiz de Fora
Faculdade de Letras
Universidade federal de Juiz de Fora
Junho de 2007

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Maria Clara Castellões de Oliveira (Orientadora)

Prof. Dr. Rogério Sérgio Ferreira

Prof. Dr. Alexandre Graça Faria

Faculdade de Letras
Universidade Federal de Juiz de Fora
Junho de 2007

Durante a realização desta monografia recebi bolsa do Programa de Iniciação Científica (BIC) da Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPESQ) da Universidade Federal de Juiz de Fora.

DEDICATÓRIAS

À Profª Drª Maria Clara Castellões de Oliveira,

Que me ajudou a compreender que persistência e dedicação andam de mãos dadas com o sucesso.

Aos colegas do curso de Bacharelado,

Por terem sido sempre tão solidários e esforçados, dando sentido ao significado da palavra "turma".

Aos meus pais e irmãos,

Que sempre me apóiam e me aconselham nas tomadas de decisão em minha vida, principalmente no que diz respeito à minha formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

A Deus,

Por ter permitido que eu chegasse até aqui e por ter aberto as portas pelas quais passei.

À minha família,

Por compreender que preciso estudar e por não me cobrar nada além do que posso oferecer.

À Profª Drª Maria Clara Castellões de Oliveira,

Por todo o incentivo, apoio, ajuda, orientação e amizade, além da confiança depositada em minha competência acadêmica.

Ao Mestre Adauto Vilela,

Pelos conhecimentos passados sobre a vida prática da profissão de um tradutor e pela crença em nossas potencialidades.

Ao Prof. Dr. Rogério Sérgio Ferreira,

Pela boa vontade que sempre teve ao me ajudar e orientar durante esse tempo em que estive na Faculdade de Letras.

À Pró-reitoria de Pesquisa (PROPESQ) da Universidade Federal de Juiz de Fora,

Pela bolsa de iniciação científica.

Eu lembro que na época em que traduzia, eu me sentia como se estivesse desmanchando a costura, desmanchando o crochê de certos escritores, descobrindo os pontos, os truques prediletos deles.

(Rachel de Queiroz)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....10

CAPÍTULO 1
O BRASIL DOS ANOS 30 E 40 DO SÉCULO XX.....15

1. 1. Panorama político.....16

1. 2. Os intelectuais, os empresários e o Estado.....21

CAPÍTULO 2
A EDITORA JOSÉ OLYMPIO, RACHEL DE QUEIROZ E O PODER.....28

2. 1. A José Olympio e seu editor.....29

2. 2. As relações entre José Olympio e Getúlio Vargas.....36

2. 3. Rachel de Queiroz: entre Getúlio Vargas e José Olympio.....41

CAPÍTULO 3
RACHEL DE QUEIROZ, ESCRITORA E TRADUTORA.....45

3. 1. Rachel de Queiroz: vida e obra.....46

3. 2. Anos 40: anos da tradução.....53

3. 3. A tradução como formadora de identidade autoral.....59

CAPÍTULO 4
A PRÁTICA TRADUTÓRIA DE RACHEL DE QUEIROZ.....64

4. 1. A tradução nas décadas de 60 e 70.....65

4. 2. A tradução na década de 40.....68

4. 2. 1. A tradução do conto "Markheim", de Robert Louis Stevenson.....69

4. 2. 2. A tradução do romance *Mansfield Park*, de Jane Austen.....75

CONCLUSÃO.....84

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS......88

ANEXOS.....91

INTRODUÇÃO

As décadas de 30 e 40 do século XX foram marcadas por grandes acontecimentos mundiais que conseqüentemente se refletiram no Brasil. A tendência da ordem nazi-fascista crescia na política européia, o que culminaria na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), enquanto que em países da América Latina surgiam governos ditatoriais. Especialmente entre 1937 e 1945 o Brasil viveu uma época de extrema repressão política sob a liderança de Getúlio Vargas e o regime do Estado Novo. Tal repressão ocorria contra vários meios de expressão, incluindo a literatura.

A escritora Rachel de Queiroz é nome importante na história literária do Brasil do século XX como também na história da tradução em nosso contexto. Ela esteve presente em momentos-chave dessa história, como demonstra, por exemplo, a monografia de conclusão do curso de Bacharelado em Letras: Ênfase em Tradução - Inglês, realizada por Érika Dias (2002). Nesse trabalho, Dias, além de revelar que Rachel de Queiroz apoiou o golpe militar de 1964, deixando isso claro em crônicas que escreveu e em testemunhos que prestou, aponta para a relação existente entre a prática tradutória de Rachel de Queiroz e a ideologia que conduziu ao golpe militar e sustentou a ditadura que se instalou no país nesse momento.

No período ao qual o trabalho de Dias se dedica, Rachel de Queiroz tinha inclinações políticas muito diferentes daquelas que possuía nas décadas de 30 e 40, foco do presente trabalho. Nos anos 30, ela ajudou a fundar o partido comunista no Ceará e se demonstrou contrária à política do Estado Novo, instaurada por Getúlio Vargas em 1937. No entanto, ela trabalhou para a Editora José Olympio, cujo dono mantinha relações de amizade com o então presidente da república Getúlio Vargas.

Um dos objetivos deste trabalho é investigar a relação entre a atuação tradutória de Rachel de Queiroz nos anos 40 e as relações de poder que se estabeleceram neste momento no Brasil. Será visto que, nos anos 40 do século XX, a atividade tradutória da autora suplantou a

sua produção autoral. Além disso, pretende-se entrelaçar esse momento da carreira de Rachel de Queiroz a um momento posterior, ou seja, as décadas de 60 e 70, quando ela traduziu obras de interesse dos que apoiavam o golpe militar de 1964. Nesse sentido, este estudo suplementa as investigações conduzidas por Dias. Este trabalho também procura contribuir para o projeto de pesquisa "Traduções Literárias: Jogos de Poder entre Culturas Assimétricas", que por sua vez, é parte do projeto integrado de pesquisa *A Questão Identitária: Mediações Literárias e Tradutórias*, coordenado pela Professora Doutora Maria Clara Castellões de Oliveira.

No primeiro capítulo deste estudo, é apresentado um panorama histórico do Brasil nas décadas de 30 e 40. Os anos 40, em particular, foram bastante relevantes para os estudos da tradução no país, visto que, devido à censura literária, muitos escritores optaram pela tradução como meio de sobrevivência. Em seguida, discute-se o papel dos intelectuais e dos empresários em relação ao governo vigente nas décadas de 30 e 40, utilizando principalmente a obra *Intelectuais à Brasileira* (2001), de Sérgio Miceli, e a relevância da patronagem – conceito desenvolvido por André Lefevere (1992) –, para os estudos de literatura traduzida.

No segundo capítulo, é feito um histórico da Editora José Olympio no período em questão. A editora recebe destaque por ter sido aquela que mais publicou obras de Rachel de Queiroz, por ter tido papel de destaque no cenário cultural brasileiro e pelas relações que seu proprietário manteve com Getúlio Vargas durante o Estado Novo. Assim, busca-se analisar esse meio à luz da teoria dos polissistemas, desenvolvida pelo teórico Itamar Even-Zohar (1978), na década de 70, inspirada pelo formalismo russo da década de 20 do século XX. Essa teoria trata a literatura traduzida como parte de um polissistema maior – o literário. Parte-se do princípio de que a literatura traduzida não pode ser vista como um sistema particular ou desvinculada de um determinado momento histórico.

No terceiro capítulo, é apresentado um breve resumo da biografia de Rachel de Queiroz com ênfase em sua atuação como escritora, tradutora e militante política na década de 40, descrevendo suas atividades. Apresenta-se também o contexto histórico em que Rachel de Queiroz atuava, analisando as relações entre literatura e poder. Além disso, esse capítulo também se baseia na concepção da tradução como fator importante de formação de identidades culturais, defendida por Lawrence Venuti no livro intitulado *Os Escândalos da Tradução*, de 2002.

No quarto e último capítulo, é investigada a prática tradutória de Rachel de Queiroz na década de 40 comparando-a àquela das décadas de 60 e 70. Analisa-se não só a questão temática dos textos que traduziu, como também os procedimentos tradutórios utilizados pela autora na construção dos textos escolhidos, quais sejam: conto “Markheim”, do escritor inglês Robert Louis Stevenson, e do romance *Mansfield Park*, da escritora inglesa Jane Austen.

A escritora Rachel de Queiroz
(Fonte: *Cadernos de Literatura Brasileira*, 2002, p. 4)

CAPÍTULO 1

O BRASIL DOS ANOS 30 E 40 DO SÉCULO XX

Neste capítulo, será abordada a situação histórica brasileira entre as décadas de 30 e 40. Para tanto, serão utilizadas informações extraídas dos livros *O Estado Novo (1937-1945)* (1988), de Edgar Carone, *O Estado Novo*: Ideologia e Propaganda Política (1982), de Nelson Jahr Garcia e *Brasil:* de Getúlio Vargas a Castelo Branco: 1930-1964 (1992), de Thomas Skidmore. Além disso, será feita uma avaliação do relacionamento entre os intelectuais, os empresários e o Estado, mais especificamente nesse caso, entre escritores, editores e o governo federal sob o regime do Estado Novo de Getúlio Vargas. Para avaliação desse segundo momento, serão usados como base, principalmente, os seguintes textos: *Línguas, Poetas e Bacharéis*: Uma Crônica da Tradução no Brasil (2003), de Lia Wyler, *Intelectuais à Brasileira* (2001) e o capítulo introdutório de *Imagens Negociadas* (1966), ambos de Sérgio Miceli, e a obra *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame* (1992), de André Lefevere.

1. 1. Panorama político

O Brasil foi marcado, na década de 30 do século XX, por um momento pós-revolucionário em sua estrutura política. Em meados da década de 20, conforme a Política do Café com Leite, os governos de Minas Gerais e São Paulo alternavam-se na presidência da república. À sucessão de Washington Luís, representante de São Paulo à frente do governo federal, o candidato presidencial era Júlio Prestes, também de São Paulo, o que causou insatisfação, pois caberia a sucessão a um político do estado de Minas Gerais.

Júlio Prestes saiu vitorioso nas eleições e o candidato à vice-presidência da chapa oposicionista, João Pessoa, político da Paraíba, foi assassinado, o que foi o estopim para o início do movimento revolucionário conhecido como Revolução de 1930. No dia 5 de outubro de 1930, Oswaldo Aranha e Flores da Cunha iniciaram o movimento, ocupando o quartel-

general de Porto Alegre. Ao mesmo tempo a revolta eclodia em Minas Gerais, no norte e no nordeste. Os revoltosos, após alguns embates com as tropas legalistas, sobretudo no Rio Grande do Sul, chegaram ao Rio de Janeiro, tornando o movimento vitorioso, tendo a liderança do governo assumida por Getúlio Vargas.

Após a Revolução de 1930, o país se viu sob o comando de um líder civil em caráter "provisório". Seguiram-se sete anos de improviso, que serviram de transição política entre a dominação oligárquica e o Estado Novo. Durante esse período, Getúlio Vargas representava o papel de árbitro político e conspirava a favor de uma ditadura que começaria em 1937 e se estenderia até 1945, consolidando-o no poder. No período de 1945 a 1950, Vargas não abandonou a cena política: foi eleito senador pelo Rio Grande do Sul. Após esse tempo, voltou a conduzir os rumos do país até 1954, ano de sua morte.

Durante o governo provisório de Vargas, ocorreram fatos importantes para a mudança política do país. Em 1932, houve uma revolta armada em São Paulo para que o atual presidente convocasse uma Assembléia Constituinte e colocasse em prática a nova legislação trabalhista. O novo Código Eleitoral Brasileiro, promulgado em fevereiro de 1932, concedeu pela primeira vez o direito de voto às mulheres, embora não tivesse sido imposta uma obrigatoriedade do voto feminino, e todas as restrições a elas foram suprimidas. Assim, a participação política da mulher no país se consolidou, garantindo-lhe não apenas o direito de votar como também o de ser votada. A constituinte tomou posse em 1933 e foi promulgada em 1934, quando Vargas foi eleito para um mandato de quatro anos.

Nesse cenário, surgiram dois movimentos radicais e opostos: a Ação Integralista Nacional (AIN), em 1932, de cunho fascista, chefiada pelo intelectual Plínio Salgado, e a Aliança Nacional Libertadora (ANL), em 1935, de tendências comunistas e socialistas de esquerda, sob a liderança de Luís Carlos Prestes. O governo ordenou o fechamento da ANL,

reprimiu qualquer tentativa popular de oposição e criou a Lei de Segurança Nacional, cujos objetivos eram reprimir atividades políticas consideradas subversivas e aumentar o poder do líder de Estado.

Com a nova constituição de 1936, em que Vargas dava a si plenos poderes, ficou previsto um plebiscito dentro de seis anos, que serviria para a escolha de um novo presidente. Em 1937, uma campanha para a presidência da república levaria os conselheiros de Vargas a argumentarem que só ele poderia salvar o Brasil dos extremismos da esquerda e da direita. Havia, até então, dois candidatos: o integralista Plínio Salgado e Armando de Sales Oliveira, da recém-formada União Democrática Brasileira. No dia 10 de novembro do mesmo ano, "Vargas explicou que o Brasil devia deixar de lado a democracia dos partidos que ameaçava a unidade pátria" (SKIDMORE, 1992, p.50) e fechou o sistema político. Inclusive a direita integralista foi derrubada. Mesmo assim, Vargas mantinha contato altamente pessoal com adversários e aliados: "As relações entre Estado Novo e classes dirigentes são estreitas e cordiais. Oposição e crítica continuam a existir contra o governo, mas neste momento a maior parte da oligarquia agrária, como a burguesia urbana, mantém contatos contínuos com Getúlio Vargas e seus representantes, numa recíproca troca de favores..." (CARONE, 1988, p. 115).

Após o golpe de Getúlio Vargas e seus colaboradores, o Brasil iniciou oito anos de regime autoritário sob o Estado Novo. Teoricamente, o atual mandato chegaria ao fim em 1938. Seguindo os modelos fascista e nazista europeus, o presidente usou a ação dos comunistas como pretexto para um "estado de guerra", o que o tornava mais poderoso. Esse novo período político foi marcado por grande intervenção do governo federal na economia, com a criação de empresas estatais e desenvolvimento da indústria nacional, processo grandemente acelerado pela Segunda Guerra Mundial.

Durante tal período foi criada a Consolidação das Leis do Trabalho, em 1943, também conhecida por CLT, instituindo-se o salário mínimo, a carteira profissional, a semana de trabalho de 48 horas e as férias remuneradas. A promulgação da CLT conferiu grande prestígio popular ao regime e em particular a Getúlio Vargas, que fortaleceu sua imagem de protetor da classe trabalhadora. Nos anos que se seguiram ao fim do Estado Novo, a CLT passou por sucessivas reformas e ampliações. Seu corpo básico, contudo, continua em vigência até os dias de hoje[1].

De acordo com Carone (1988), as relações internacionais afetavam diretamente o Estado Novo. De um lado, estavam os Estados Unidos, desconfiados da simpatia do governo brasileiro pelos regimes nazi-fascistas europeus, e de outro, a Alemanha que, satisfeita com a implantação do Estado Novo, beneficiava-se da superprodução brasileira, impondo o comércio do *marco compensado*. Entretanto, a Alemanha, por possuir capitais limitados, teve sua influência econômica sobre o Brasil pequena se comparada à dos Estados Unidos. Assim, os estadunidenses, sabendo da necessidade crescente de crédito do Brasil, procuravam influenciar o país e fazer sentir a pressão sobre as autoridades brasileiras. Com o aumento dos conflitos internacionais que antecederam a guerra, os Estados Unidos foram obrigados a dinamizarem sua área de influência no Brasil, representando o ideal democrático e oferecendo empréstimos diante do declínio dos capitais europeus. Com isso, Getúlio Vargas adotou uma postura "neutra" diante das forças divergentes:

> Intrinsecamente, a ditadura do Estado Novo se formaliza modelada pelo exemplo das ditaduras européias de direita. O importante, no entanto, é que se a necessidade leva o governo a camuflar a verdade – que é um Estado totalitário –, as oposições de todos os matizes – com exceção do integralismo – vão encontrar um dos pilares de resistência

[1] Informações extraídas do Centro de Pesquisa e Documentação Histórica da Fundação Getúlio Vargas através do *site* www.cpdoc.fgv.br em 24/06/07.

> exatamente no grupo governamental que defende as idéias democráticas e são pró-Estados Unidos (CARONE, 1988, p. 279-80).

Com a entrada do Brasil na guerra, em 1942, a necessidade de matéria-prima e bens manufaturados cresceu. Antes disso, os Estados Unidos já haviam se comprometido a ajudar o Brasil em seu desenvolvimento econômico, colocando à disposição empréstimos em longo prazo do Export-Import Bank, em troca da garantia de suas bases militares no nordeste brasileiro. Além da penetração comercial no país, os Estados Unidos podiam também frear uma aliança entre Brasil e Alemanha, que havia proposto negociações para a montagem de uma indústria siderúrgica. A partir de 1942, a participação estadunidense foi ainda maior, com o envio de uma missão técnica para ajudar na mobilização do Brasil. Após a guerra, com o Plano Marshall, os EUA fizeram chover dinheiro sobre os inimigos vencidos, Alemanha e Japão, para a reconstrução de tais países, impondo cada vez mais seu poderio econômico.

O Brasil havia entrado na guerra ao lado das forças aliadas (Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética) e, enquanto lutava pela democracia no exterior, o que continuava no país era o poder autoritário de uma ditadura. Entre 1943 e 1945, sob grande pressão, Vargas passou a prometer à nação liberdade de opinião. Enquanto intelectuais e políticos de oposição protestavam contra a censura, o povo saía às ruas e agremiações estudantis se manifestavam. O ambiente tornava-se tão hostil que Getúlio Vargas anunciou que não se candidataria às próximas eleições presidenciais. Aumentava a pressão contra o autoritarismo e a atividade política se agitava. O Partido Comunista foi legalizado, reiniciando suas atividades, e um novo partido foi criado, o Partido Social Democrático (PSD), o qual apoiava Gaspar Dutra como candidato, militar de alta patente e ministro da guerra durante o Estado Novo, que foi eleito presidente da república por voto popular após a redemocratização.

Mesmo com a saída de Vargas da presidência, em 1945, “a sombra de sua personalidade dominaria a política brasileira durante os anos vindouros” (SKIDMORE, 1992, p. 79). O governo Dutra foi marcado por uma nova constituição e pela manutenção do executivo criado por Vargas, que se tornou senador sob a legenda do PSD. Enquanto tal, ele incitava os trabalhadores a se alistarem no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) do Rio Grande do Sul, organizado por ele, seguindo a estratégia de manter relações com a esquerda e a direita. Assim, adquiria amplo apoio para uma futura volta ao poder.

Dutra, a princípio, fez uma tentativa de retorno aos ideais liberais. Devido à alta inflação resultante dos anos de guerra, a solução encontrada foi a abertura do país às importações de bens manufaturados, restringindo a capacidade industrial interna. Em 1948, um novo acordo com os Estados Unidos retomava uma cooperação econômica iniciada durante a guerra.

Durante o governo Dutra, Vargas foi substituindo a imagem de ditador pela de democrata. Ligado ao PSD como senador, ele também se aliou ao PTB, um partido de esquerda, ficando clara a sua estratégia: a lealdade dos políticos tradicionais e o ganho de forças eleitorais na oposição. Em 1950, Vargas ressurgiu como candidato à presidência, adotando uma postura trabalhista. Em 3 de outubro daquele ano, Vargas saiu vitorioso das eleições devido a diversas alianças políticas.

1. 2. Os empresários, os intelectuais e o Estado

No período em que Getúlio Vargas instaurou uma ditadura civil no país, o Estado procurou manter o controle sobre os mais diversos domínios de atividades, inclusive no campo da produção e difusão cultural. O governo passou a ser o principal investidor e promotor do mercado do livro no país e “daí em diante, as instituições e os grupos cujas

decisões repercutem na ‘substituição de importações’ no plano cultural se diversificam de maneira considerável, envolvendo os mecenas [...], as diferentes faixas do público [...], e os produtores [...], além de sofrer o impacto causado pela difusão maciça de artigos culturais de origem norte-americana no âmbito do mercado internacional”, como afirma Miceli (2001, p. 80).

Neste contexto, o sucesso profissional de um escritor dependia de sua relação com o Estado. Isto é, o intelectual deveria pertencer a um grupo social ligado, de alguma forma, ao poder. Muitos dos romancistas pertenciam a famílias de proprietários rurais que tiveram que encarar uma crise ou até mesmo a ruína em algum momento. Isso levou as famílias a se desprenderem de seus ambientes de origem e saírem em busca de novas oportunidades. Para os intelectuais, então, a solução era um emprego no serviço público, na imprensa ou em algum outro setor que se prestava a divulgar o espírito político de interesse do Estado, pois “não havia nenhuma possibilidade de se viabilizar uma carreira artística ou literária fora dos marcos institucionais dominantes” como afirmou Miceli (1966, p. 18).

Todos esses deslocamentos levaram as famílias a afrouxarem os laços com seu ambiente de origem, assim como conviverem com diferentes pontos de vista, tomando “consciência da heterogeneidade de interesses e da diversidade dos móveis de luta no interior de sua própria classe” (MICELI, 2001, p. 163). Apesar de faltar estudo formal aos intelectuais provindos dessas famílias, estes dispunham de um capital cultural bem variado, pois sabiam falar línguas estrangeiras, estavam expostos às disposições culturais e artísticas de suas famílias e recebiam educação intelectual em casa.

Raros eram os romancistas que tinham suas vidas totalmente voltadas para a produção literária. A maioria deles mantinha outras atividades como práticas subsidiárias. O escritor Monteiro Lobato, que teve importante papel como editor e tradutor nesse período, presta-se de

exemplo para tanto. Traduzindo por conta própria, o polêmico Monteiro Lobato, que lutou para o aumento de alfabetização e a favor do petróleo brasileiro, contribuiu amplamente para os processos de editoração, produção, ilustração e distribuição de livros. Produzia literatura e traduzia para adultos e crianças. Em 1937, chegou a vender um milhão e duzentos mil livros, distribuindo-os estrategicamente em vendas e armazéns, através de sua própria editora, a Cia. Editora Nacional, fundada em 1924. Segundo conclusões de Giovana Cordeiro Campos, em sua dissertação de Mestrado *For Whom the Bell Tolls, de Ernest Hemingway, e suas Traduções no Contexto Brasileiro* (2004), em sua atuação como tradutor, Lobato, apesar de ter contribuído para a introdução de importantes escritores de língua inglesa no polissistema literário brasileiro, agiu como um reescritor domesticante.

O termo demesticante será utilizado neste trabalho, juntamente com o termo estrangeirizante, a fim de identificar procedimentos tradutórios aqui comentados. Tais termos foram criados por Lawrence Venuti a partir de Friedrich Schleiermacher (1813). Tal como mencionado por Venuti, em *The Translator's Invisibility* (1995) e *Escândalos da Tradução* (2002), o tradutor domesticante é aquele que realiza o seu trabalho em busca da construção de textos fluentes e transparentes, que fornecem ao seu leitor a percepção de que os mesmos foram escritos originalmente na língua da tradução. Por outro lado, o tradutor estrangeirizante insere na língua da tradução marcas que identificam a origem do texto e estabelecem a possibilidade de uma interlocução entre as culturas envolvidas no processo tradutório.

Outro exemplo que podemos destacar é a própria Rachel de Queiroz, cujo pai teve uma trajetória ocupacional bem ampla. De proprietário rural a promotor público, de professor secundário a empresário e pecuarista, contribuiu para o encaminhamento da filha em direção ao trabalho intelectual ligado ao campo social devido ao intenso nomadismo familiar. Rachel de Queiroz foi uma intelectual que seguiu essa trajetória de vida, assim como outros autores

reconhecidos no Brasil como Graciliano Ramos e Érico Veríssimo. Muitos se tornaram, como já foi dito, funcionários públicos e não contavam com muita liberdade de expressão, outros se enquadravam na imprensa, setor também controlado pelo governo, ou trabalhavam para alguma editora particular. Esses intelectuais trabalhavam ou contribuíam de alguma forma para o poder vigente, direta ou indiretamente, apesar de muitos serem oposicionistas confessos.

Devido ao interesse do governo em transmitir sua ideologia para a população, a educação passou a ser vista como forma de difusão desse ideário, além, é claro, de produzir mão-de-obra qualificada para o crescimento industrial. Em 1937, o governo criou o Instituto Nacional do Livro, que tinha como uma de suas metas a produção de traduções escolhidas e subsidiadas, de interesse da cultura nacional, como pregava Vargas, segundo Lia Wyler (2003, p. 109). Ainda de acordo com a autora, “as demais traduções passariam ao controle do Serviço de Divulgação da Chefatura de Polícia, criado no mesmo dia em que foi decretado o Estado Novo” (Wyler, 2003, p. 109).

Em 1939, foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), diretamente subordinado ao presidente, cujos objetivos eram censurar a imprensa, manipular a opinião pública e fazer propaganda do governo. O DIP era composto de 5 divisões: divulgação, rádio difusão, cinema e teatro, turismo e imprensa. Como descreve Garcia (1982), “suas atribuições eram de coordenação, superintendência, orientação, incentivo, promoção, direção, patrocínio, organização, auxílio e estímulo de: censura, propaganda nacional interna e externa, informações, turismo, manifestações artísticas em geral, manifestações cívicas, festas populares, concertos, conferências, exposições” (p. 100).

Para difundir a ideologia do Estado Novo, o DIP promovia a edição de livros de conteúdo social e político, mesmo em romances e comédias. Muitas obras eram dedicadas a

justificar o golpe de 37, elogiar o regime, engrandecer a figura do líder, etc. Tais livros eram publicados pelo próprio DIP ou editoras dispostas a oferecer ajuda e amizade. Os que se manifestavam favoráveis ao regime recebiam subvenções e auxílios diversos: “A cooptação de líderes e intelectuais foi uma das formas de resguardar o Estado Novo de contestação, a fim de manter a uniformidade ideológica” (GARCIA, 1982, p. 116). A Editora José Olympio, sobre a qual falaremos mais adiante, foi uma delas.

A criação do DIP, aliada à criação do Instituto Nacional do Livro, fez crescer a intervenção do Estado no setor intelectual, desse modo, o “regime Vargas define e constitui o domínio da cultura como um ‘negócio oficial’” (WYLER, 2003, p. 198). Com a consolidação das leis trabalhistas, o crescimento da indústria editorial e os novos programas educacionais, houve um conseqüente aumento de pessoas alfabetizadas no Brasil, o que representava um também aumento do público-leitor, como mostra a tabela 1, constituída a partir de informações extraídas do livro de Wyler (2003, p. 110), e na produção livreira no país:

	1920	**1940**	**1950**
População	30.635.609	34.796.665	43.573.517
Alfabetizados	7.493.357	13.292.605	18.566.722
Analfabetos	23.142.248	21.295.490	24.907.596
Sem declarar	-	208.570	77.199

Tabela 1 – Dados sobre a alfabetização da população do Brasil durante o regime do Estado Novo

Observa-se na tabela que até a década de 20 apenas 24% da população era alfabetizada. Esse número aumentou para 38% na década de 40 e chegou a 42% na década de 50. Apesar de mais de 50% da população ser ainda analfabeta, os índices de alfabetização quase dobraram após a instauração do regime do Estado Novo.

Por outro lado, o crescimento na indústria editorial foi marcado também pelo aumento da censura na literatura nacional e importada. Muitas editoras, então, optaram pela tradução

como uma das formas de escapar da falência e não se indispor com os órgãos governamentais. Logicamente, os editores não tinham liberdade total na escolha das obras a serem traduzidas.

A Editora Globo contribuiu muito para a área da tradução no país. Iniciando suas atividades em 1883 como papelaria-livraria-gráfica, a empresa, durante o século XX, se transformou em editora e, mais especificamente na década de 30, investiu em estocagem de papel e coleções de livros traduzidos. A editora contava com o autor Érico Veríssimo representando sua "equipe" editorial, pois era ele o responsável por todo o processo de editoração. Trabalhava também como escritor e tradutor chegando a traduzir mais de 50 obras para a editora, que prosperou nessa época e chegou à década de 40 tendo o autor como conselheiro literário. O intuito de Veríssimo passou a ser, então, a melhoria no padrão das traduções nacionais. Para isso, investiu na contratação de tradutores profissionais, garantindo-lhes amparo na legislação trabalhista e boa remuneração. Além disso, o processo tradutório na editora contava agora com revisões diversas e o trabalho era feito sem pressa e em várias etapas, garantindo assim, qualidade.

A influência do governo estado-novista na vida cultural brasileira pode ser analisada através de estudos feitos por André Lefevere (1992), principalmente quando ele aborda a questão da patronagem. Segundo Lefevere, "a patronagem está geralmente mais interessada na ideologia da literatura do que na sua poética e pode-se dizer que o patrocinador "delega autoridade" ao profissional na medida em que a poética é considerada." (p. 4).

A patronagem pode ser entendida como o poder exercido por pessoas, instituições, partidos políticos, classes sociais, editores, mídia, agindo de fora para dentro do sistema. A patronagem consiste em três elementos que podem interagir de várias maneiras: o ideológico, selecionando forma e conteúdo do que será publicado; o econômico, que representa a

remuneração dos (re)escritores; e o *status*, que leva os (re)escritores ao reconhecimento e ao prestígio.

O sistema literário, segundo Lefevere, pode ser controlado por patronagens diferenciadas ou não-diferenciadas. A patronagem diferenciada foca no sucesso econômico, o que não traz necessariamente *status* e não está necessariamente divulgando uma ideologia. Já a patronagem não-diferenciada engloba os três elementos – ideológico, econômico, e de *status* – envolvendo um mesmo patrocinador.

O patrocinador tenta regular a relação entre o sistema literário e os outros sistemas de uma cultura. Ele controla não só a escrita, mas também a distribuição, onde o (re)escritor está sujeito à colaborar com sua ideologia. Levando em conta que o escritor está inserido em um determinado momento histórico e está sendo patrocinado de alguma forma, esse se insere na ideologia do seu patrocinador.

CAPÍTULO 2

A EDITORA JOSÉ OLYMPIO, RACHEL DE QUEIROZ E O PODER

Neste segundo capítulo, será investigada a importância da Editora José Olympio na carreira de Rachel de Queiroz como escritora e como tradutora. Além das relações profissionais, escritora e editor mantinham uma forte amizade apesar de não compartilharem algumas idéias em relação ao poder estabelecido no Brasil nas décadas de 30 e 40. Tal fato mostra a posição paradoxal ocupada pela autora no período. Será realizada uma abordagem do papel da José Olympio no cenário cultural de tais décadas e das relações que uniam seu diretor a Getúlio Vargas, a Rachel de Queiroz e a escritora ao estadista. Os principais textos utilizados nesse momento serão: *José Olympio*: o descobridor de escritores (2001), de Antônio Carlos Villaça, *O Livro no Brasil* (1985), de Laurence Hallewell, e o artigo "The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem", de Even-Zohar, de 1978.

2. 1. A José Olympio e seu editor

A Editora José Olympio iniciou suas atividades em São Paulo com a aquisição das bibliotecas da família Pujol e de Estevão de Almeida. Assim, José Olympio Pereira Júnior estabeleceu sua empresa como livraria em 1931, ano em que também a lançou como editora, publicando uma única obra traduzida por José Almeida Camargo: *Conhece-te pela Psicanálise*, cujo título original é *How to Psychoanalyse Yourself*, do americano Joseph Ralph. Devido ao assunto muito em voga na época, o livro obteve sucesso em vendas e foi reeditado durante 20 anos.

A Revolução Constitucionalista de 1932, em São Paulo, prejudicou os negócios de maneira generalizada, até que, em 1934, a editora optou por se mudar para o Rio de Janeiro, mais especificamente para a Rua do Ouvidor. A cidade estava voltando a adquirir *status* de centro intelectual, inclusive, servindo de morada para diversos autores vindos de outros estados, principalmente do nordeste. Como apontou Laurence Hallewell, a mudança foi

acertada e o sucesso da editora garantido: “até 1935 a José Olympio já lançara ou reeditara dezessete títulos, diversos deles com tiragem de 20.000 exemplares ou mais” (HALLEWELL, 1985, p. 352).

As livrarias e editoras que até então haviam se especializado em literatura francesa, tais como a Garnier e a Casa Garraux, acabaram falindo, pois os livros franceses estavam ficando extremamente caros devido a uma valorização do franco entre 1933 e 35. Enquanto isso, a José Olympio importava e colocava à venda autores estrangeiros que estavam se destacando na literatura mundial. Mas, com o crescimento da literatura nacional na época, a José Olympio passou a distinguir-se como sua grande editora, ocupando uma posição de predomínio comercial na moderna ficção brasileira da década de 30. Publicou quase todos os escritores importantes da época, entre eles, Jorge Amado, Oswald de Andrade, Murilo Mendes, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos. Aventurou-se, também, no lançamento de novos nomes, tornando-os conhecidos: “O editor reunira à sua volta os intelectuais mais preeminentes da cultura brasileira. Acolhia com prazer escritores novos e sempre se preocupava antes com oferecer uma chance ao autor que tivesse alguma contribuição à cultura brasileira do que com auferir lucros” (HALLEWELL, 1985, p. 359). Com isso, em 1939, todos os prêmios literários oferecidos no Brasil foram conquistados por autores da José Olympio.

A loja na Rua do Ouvidor passou a ser freqüentada por professores, intelectuais e jornalistas - todos amigos do editor - , que passaram a chamá-la de “Casa”: “é certamente legítimo presumir que as amizades pessoais tiveram, sem dúvida, o seu papel na política da Casa. De fato, pode-se dizer que as amizades pessoais foram a pedra angular do êxito de José Olympio” (HALLEWELL, 1985, p. 363). A preocupação de José Olympio era, acima de tudo,

com seus autores. Ele lhes oferecia amizade, respeito e estímulo. A editora virou ponto de encontro, local de discussões, conversas e até recebimento de correspondências pessoais.

Não apenas seus amigos literatos freqüentavam a Casa, mas também médicos, políticos e militares. Um outro diferencial da editora era a amizade e o espaço dado às escritoras mulheres: “o acolhimento ali de Lúcia Miguel Pereira, Rachel de Queiroz, Adalgisa Nery e Eneida talvez ajude a explicar como José Olympio conseguiu trazer para o catálogo de sua editora praticamente todas as escritoras preeminentes da época” (HALLEWELL, 1985, p. 365). Além disso, adotava uma postura contra o anti-semitismo, recusando-se a publicar obras racistas de inspiração nazista.

Até então, as traduções representavam uma pequena cota da produção da Casa. Com o advento da Segunda Guerra Mundial, o número de obras traduzidas aumentou e o de obras nacionais diminuiu em função de a guerra ter aumentado a preocupação do público em relação aos acontecimentos internacionais, e da repressão aos autores nacionais ter aumentado durante o Estado Novo. Com várias obras censuradas e até destruídas pelo governo, diversos autores se tornaram tradutores, pois a editora os remunerava muito bem por tal trabalho. Assim, os escritores-tradutores obtinham uma boa renda e prestígio, enquanto que a Casa contava com a qualidade das traduções e a venda garantida, já que a maioria das traduções eram romances policiais, histórias de amor, biografias e clássicos da literatura, isto é, sucesso de público. Com isso, as traduções chegaram a representar até 64% do total de publicações da José Olympio nos anos 40, como pode ser observado na tabela a seguir:

Ano	Total de edições	Edições de autores nacionais			Edições traduzidas		
		%	Total	Primeiras edições	%	Total	Primeiras edições
1932	1	0	0	0	100	1	1
1933	8	88	6	3	12	1	1
1934	32	85	26	11	15	6	6
1935	59	95	56	31	5	3	1
1936	66	97	64	49	3	2	2
1937	55	96	53	34	4	2	2
1938	56	87	49	39	13	7	3
1939	81	88	69	49	12	15	4
1940	73	86	62	26	13	11	7
1941	80	55	41	29	45	39	37
1942	73	68	51	30	32	22	19
1943	101	51	52	37	49	49	35
1944	**125**	**46**	**58**	**41**	**54**	**67**	**55**
1945	**90**	**46**	**41**	**28**	**54**	**49**	**24**
1946	**90**	**36**	**32**	**27**	**64**	**58**	**38**
1947	**110**	**42**	**44**	**28**	**58**	**65**	**44**
1948	107	52	57	33	48	50	30
1949	81	46	38	19	54	43	18
1950	79	49	38	15	51	41	16

Tabela 2 – A produção da José Olympio, 1932-1950
Fonte: Hallewell, 1985, p. 372, meu grifo

O que também podemos destacar é o fato de a língua inglesa ter passado a adquirir importância no contexto histórico mundial após a Segunda Grande Guerra. Com isso, a literatura de língua inglesa ganhou espaço e prestígio no Brasil, passando a ocupar uma posição primária dentro do polissistema literário. De acordo com a teoria dos polissistemas, desenvolvida por Itamar Even-Zohar (1978), a tradução é uma atividade dependente das relações existentes dentro de um sistema cultural. O sistema de literatura traduzida pode ocupar três posições dentro do polissistema: a primária, a secundária ou ambas. Se o sistema de literatura traduzida ocupar a posição primária do polissistema, esta representa um princípio de inovação, novidade e mudanças no cânone, enquanto que a posição secundária representa a manutenção de forças tradicionais e conversadoras.

Segundo Even-Zohar (1978), há três momentos em que a literatura traduzida pode ocupar a posição primária em um polissistema literário: quando se trata de uma cultura nova ou em modificação – que se beneficiará com outras experiências literárias; quando uma literatura original é fraca, periférica e insuficiente em uma cultura; e em momentos de crise e estagnação da literatura original dependentes do momento histórico, em que os modelos conservadores não mais preenchem as expectativas da nova geração.

Na posição primária, o sistema de literatura traduzida torna-se responsável pela modelação de todo o sistema literário. Assim, acontece também a escolha de obras a traduzir, como aponta Even-Zohar (1978, p. 121): "as obras a serem traduzidas são determinadas pela situação que governa o polissistema: os textos são escolhidos de acordo com sua compatibilidade com as novas abordagens e o papel supostamente inovador que podem assumir na literatura alvo" (EVEN-ZOHAR, 1978, p. 121, minha tradução)[2].

Ocupar a posição secundária significa que o sistema de literatura traduzida não está contribuindo para mudanças no sistema literário, mas sim para a manutenção de normas já estabelecidas pelo tipo dominante de literatura. Além dessa posição, a literatura traduzida pode ocupar as posições primária e secundária ao mesmo tempo. Isso ocorre quando parte das obras traduzidas se mantêm atreladas à tradição, enquanto que a outra parte se ocupa em trazer mudanças para o sistema literário de uma cultura.

Na década de 40 do século XX, a literatura traduzida de língua inglesa passou a ocupar uma posição primária no polissistema literário, enquanto que as literaturas traduzidas de outras línguas e a própria literatura brasileira ocupavam uma posição secundária, sendo que Rachel de Queiroz teve uma participação ativa para que isso acontecesse. Nesse momento, a literatura nacional sofria censuras em diversas áreas, fazendo as editoras e diversos autores

[2] Texto original: ...the works to be translated are determined by the situation governing the polysystem: the texts are picked up according to their compatibility with the new approaches and the supposedly innovatory role they may assume within the target literature.

optarem por textos traduzidos, a exemplo da Editora José Olympio, como comentado anteriormente.

A Livraria José Olympio, na Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro.
À porta, o escritor José Lins do Rego, 1946.
(Fonte: *José Olympio*: O Descobridor de Escritores, 2001, p. 104)

2. 2. As relações entre José Olympio e Getúlio Vargas

A José Olympio acabou se rendendo ao mercado de obras traduzidas a partir do fim da década de 30. Em se tratando de traduções, a José Olympio passou a investir nos gêneros mais rentáveis, contando com um corpo de tradutores que levavam reconhecimento à sua casa, os escritores já consagrados, tais como Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e Adalgisa Nery. A maioria deles traduzia do francês, alguns do inglês, e as obras russas sofriam a tradução indireta, muitas vezes, do francês.

Como visto, a Era Vargas marcou um decisivo progresso em nossa indústria livreira, dando início à indústria de traduções nacionais e, como afirma Wyler, representando "a substituição da influência americana em nossa cultura, consolidando um processo que vinha desde o início do século" (2003, p. 116-17). Devido à Segunda Grande Guerra e à crise européia, o Brasil passou a ter relações comerciais com os Estados Unidos em vez de tê-las com países da Europa. Isso representou não só a dependência econômica, mas também a influência cultural a partir de então. Isso trouxe também a mudança da língua de cultura, isto é, do francês para o inglês, o que permanece até os dias de hoje. Com isso:

> [...] o programa de tradução da José Olympio favoreceu largamente os originais de língua inglesa, podendo-se dizer que ele desempenhou uma função especialmente valiosa ao colocar ao alcance do leitor brasileiro muitos dos clássicos menores da literatura inglesa e, desse modo, ajudar um pouco a corrigir a perspectiva até então excessivamente francesa de seus compatriotas (HALLEWELL,1985, p. 373).

As relações do presidente Vargas com José Olympio eram, além de políticas, relações de amizade. Segundo informações de Hallewell (1985), durante o Estado Novo, o editor publicou diversas obras escritas pelo presidente ou por outros a favor do regime vigente, conforme listagem a seguir:

Título	**Ano**	**Autor**
O Estado Autoritário e a Realidade Nacional	1938	Azevedo Amaral
A Nova Política do Brasil: IV	1938	Getúlio Vargas
A Nova Política do Brasil: V, O Estado Novo (10 de novembro de 1937 a 25 de julho de 1938)	1938	Getúlio Vargas
O Estado Novo e suas Diretrizes: estudos políticos e constitucionais	1938	Monte Arrais
Getúlio Vargas	1939	André Carrazoni
As Idéias do Presidente Getúlio Vargas	1939	Alcides Gentil
A Nova Política do Brasil: VI, realizações do Estado Novo (1º de agosto de 1938 a 7 de setembro de 1939)	1940	Getúlio Vargas
A Nova Política do Brasil: VII, no limiar de uma nova era (29 de outubro de 1939 a 29 de junho de 1940)	1940	Getúlio Vargas
Força, Cultura e Liberdade: origens históricas e tendências atuais da evolução política do Brasil	1940	Almir de Andrade
A Nova Política do Brasil: VIII, ferro, carvão, petróleo (7 de agosto de 1940 a 9 de julho de 1941)	1941	Getúlio Vargas
Getúlio Vargas: esboço de biografia	1941	Epitácio Albuquerque
O Estado Nacional: sua estrutura, seu conteúdo ideológico	1941	Francisco Campos
A Paisagem Legal do Estado Novo	1941	Gil Duarte
Vocações da Unidade (conferências e discursos)	1941	Alexandre Marcondes Fo.
A Nova Política do Brasil: IX, o Brasil na guerra (14 de julho de 1941 a 1º de janeiro de 1943)	1943	Getúlio Vargas
As Diretrizes da Nova Política do Brasil	1943	Getúlio Vargas
O Brasil em Marcha	1943	Paulo Aquiles
O Cardeal Leme: um depoimento	1943	Alceu Amoroso Lima
Cidadão do Mundo	1943	Licurgo Costa
Grandes Soldados do Brasil	1944	Lima Figueiredo
A Nova Política do Brasil: X, o Brasil na guerra (1º de maio de 1943 a 24 de maio de 1944)	1944	Getúlio Vargas
A Nova Política do Brasil: XI, o Brasil na guerra (1º de julho de 1944 a 30 de outubro de 1945)	1947	Getúlio Vargas
Contribuição à História Administrativa do Brasil: na República, até o ano de 1945	1950	Almir de Andrade
A Política Trabalhista no Brasil	1950	Getúlio Vargas

Quadro 1: Alguns livros publicados pela Editora José Olympio a favor do Estado Novo

Os dados do quadro acima foram obtidos através de informações contidas em Garcia (1982) e Carone (1988). Todas as obras mencionadas na listagem tratavam de assunto de interesse do Estado ou do presidente Getúlio Vargas, pois as mensagens e assuntos divulgados

iam desde justificação, legitimação e descrição do regime estado-novista até elogios a vultos históricos e à pessoa de Getúlio Vargas.

Como observa Hallewell, José Olympio se dizia um editor eclético: publicava obras da direita e da esquerda, às vezes por razões econômicas, às vezes por interesse político ou favores bancários. Além de manter amizade com políticos, o editor também mantinha um estreito relacionamento com os críticos e os autores de sua casa. Evitava tomar partido, como aponta HALLEWELL, ao afirmar que "seu evidente gosto pelo jogo político era de natureza não partidária" (1985, p. 365). O autor Antônio Carlos Villaça, responsável pela obra *José Olympio:* O Descobridor de Escritores (2001), também mencionou o assunto dizendo: "o editor é liberal. Se tem simpatia para qualquer extremidade, oculta-a. Aparentemente está no meio: aceita livros de um lado e de outro, acolhe com amizade pessoas de cores diferentes ou sem nenhuma cor" (p. 165).

Quanto aos assuntos políticos fora do país, a editora "publicou relativamente poucos títulos abordando diretamente os acontecimentos internacionais, mas os que publicou eram todos favoráveis à Grã-Bretanha e seus aliados" (HALLEWELL, 1985, p. 375), quem o Brasil apoiava na época, levando-nos a entender mais uma vez que o editor não deveria ser tão despretensioso assim.

Além disso, José Olympio passou a ser o editor dos discursos de Vargas a partir de 1937, preparados e revistos por José Vieira, da Secretaria da Presidência da República. O título geral das coletâneas desses discursos foi *A Nova Política do Brasil*, cujo primeiro volume possui a seguinte dedicatória: "A José Olympio, com muita simpatia, oferece Getúlio Vargas" (VARGAS citado por VILLAÇA, 2001, p. 95).

Foram os discursos publicados pela José Olympio que abriram os caminhos da Academia Brasileira de Letras para Getúlio Vargas. O presidente tomou posse na ABL a 7 de

agosto de 1941, sendo recebido por Ataulfo de Paiva, ministro aposentado do Supremo, e sucedendo a Silva Ramos e a Alcântara Machado, na cadeira de número 37, que, mais tarde, viria a ser ocupada por Assis Chateaubriand e João Cabral de Melo Neto. A academia era então presidida por José Carlos de Macedo, amigo e protetor de José Olympio.

Mesmo após a deposição do ditador, o empresário continuou a publicar suas obras: em 1950, por exemplo, editou *A Política Trabalhista no Brasil* (discursos de Vargas no Senado) e, em 1951, *A Campanha Presidencial* (discursos de Getúlio Vargas ao longo da campanha política como candidato às eleições de 3 de outubro do mesmo ano). Ainda neste ano, em discurso, Vargas disse sobre José Olympio: "De minha parte, devo confessar que o meu débito para com esse grande editor é muito maior do que o meu crédito. Se é verdade que não recebo os direitos autorais das minhas obras, não é menos verdade que José Olympio arca com os ônus dos encalhes..." (VARGAS citado por VILLAÇA, 2001, p. 156).

Na festa dos 50 anos de José Olympio, em 1953, a Casa estava cheia de amigos, entre eles, o presidente que, segundo registro do diário *O Observador no Escritório*, de Carlos Drummond de Andrade, publicado nos anos 80, estava alegre, andava, conversava com os presentes – amigos e adversários – e ria como de feitio. Nem é preciso dizer que escritores como o próprio Drummond, José Lins do Rego, Guimarães Rosa e Rachel de Queiroz estavam presentes. No diário, Drummond escreveu, com certo humor: "Foi uma festa excepcional. José Olympio, comovido, acompanhou o presidente ao automóvel. Eram dois gordos e se entendiam muito bem. Getulista, José Olympio? Não direi propriamente um getulista. Mas sensível ao encanto e às qualidades de estadista do velho" (ANDRADE citado por VILLAÇA, 2001, p. 159).

José Olympio com o Presidente Getúlio Vargas no lançamento de *O Governo Trabalhista do Brasil*, 1952.
(Fonte: *José Olympio*: O Descobridor de Escritores, 2001, p. 115)

José Olympio com Getúlio Vargas, que observa o lançamento de *Águas Passadas*, de Costa Rego, seu adversário político, 1953.
(Fonte: *José Olympio*: O Descobridor de Escritores, 2001, p. 115)

2. 3. Rachel de Queiroz: entre Getúlio Vargas e José Olympio

Após o sucesso de vendagens de *O Quinze* no Rio de Janeiro, "Rachel foi procurada por um então modesto editor, cuja firma se chamava Editora José Olympio. Daí nasceu uma associação entre ela, José e os irmãos Daniel e Athos, que durou 57 anos, quando a morte [de José Olympio] os separou", como revela Heloísa Buarque de Hollanda no livro *Rachel de Queiroz* (2005), da Coleção Nossos Clássicos (p. 17). Durante esse tempo, foi a editora José Olympio que publicou a maior parte de suas obras e de suas traduções (ver lista completa de suas obras traduzidas em anexo). De acordo com informações contidas no capítulo "Memorial de uma Obra", em *Cadernos de Literatura Brasileira* (2002), foram 23 obras editadas e publicadas de autoria de Rachel de Queiroz, incluindo romances, peças de teatro, coletânea de crônicas e antologias. Desse total, 16 foram publicadas pela José Olympio em 1ª. edição, cerca de 70%, isso sem contar as reedições. Já em relação às traduções, das 47 obras totais, 42 foram publicadas pela "Casa", ou seja, 91 %. Apenas duas obras traduzidas foram publicadas pela Editora Delta na década de 60 e três pelas Edições Ouro na década de 70. Em 1991, a Editora José Olympio perdeu em leilão para a Editora Siciliano, de São Paulo, o direito de publicação da obra completa de Rachel de Queiroz.

Entretanto, durante as décadas de associação, a relação entre Rachel de Queiroz e José Olympio não era apenas profissional. Além de José Olympio fazer questão de pagar bem a seus escritores-tradutores, oferecia-lhes amizade, como conta a escritora: "Já não éramos simples editor e editada, mas amigos fraternos, posso dizer irmãos [...]. Ele [José Olympio] dava palpites na minha vida pessoal, lia meus livros no original, mas aí não dava palpites. Seu respeito pela liberdade do autor era famoso. [...] Já então minhas relações com a Casa não eram simplesmente de editor e autora" (QUEIROZ, 1999, p.186).

O contato entre a autora e o editor era tão próximo que Rachel de Queiroz era inclusive madrinha do sobrinho de José Olympio, filho de Daniel, e chegou a receber correspondências pessoais na loja da editora. Pode-se dizer então que Rachel de Queiroz conhecia o editor muito bem e tinha suas opiniões sobre ele, inclusive no que diz respeito às suas relações com Getúlio Vargas. Segundo Rachel de Queiroz, José Olympio:

> [...] sempre foi amigo dos poderosos – presidente, ministros, generais – os grandes do nosso mundo conviviam com ele e o prestigiavam. [...] não conheci ninguém que tão completamente respeitasse a livre manifestação do pensamento. E, nessa sua posição, ganhou tal notoriedade, que publicava tanto os discursos de Getúlio, ditador, como publicava as memórias de Graciliano, com suas terríveis recordações do cárcere getulista (QUEIROZ citada por VILLAÇA, 2001, p. 12-13).

Rachel de Queiroz ainda disse em depoimento, citado no livro acima mencionado, que a relação da editora com o poder era de "potência a potência" e que "a Casa e o presidente são como nações amigas, que se devem cortesia e respeito mútuos" (p. 125).

Por outro lado, Rachel de Queiroz nutria um profundo repúdio a Getúlio Vargas, tendo declarado em sua autobiografia o seguinte: "a minha geração se habituou a considerá-lo [Getúlio Vargas] como a fonte de todos os nossos males [...]. O fato é que Getúlio passou a simbolizar para nós, a reação, o fascismo, a aliança com o Eixo" (QUEIROZ, 1999, p. 201). Essa postura anti-getulista levou-a, na década de 60 do século XX, a fazer parte do movimento conspiratório contra o governo de João Goulart. O grupo que articulava contra Jango, do qual Rachel de Queiroz fazia parte, considerava-o um político com a postura de Getúlio Vargas, por isso planejaram derrubá-lo e apoiar o Golpe Militar de 1964. O papel desempenhado pela escritora era ativo em várias formas de expressão, como ela própria admitiu: "[...] o que nós fazíamos era conspiração mesmo: [...]. Eles me usavam como

jornalista, eu opinava e era muito lida. [...] o lado político, de pregação, de jornalismo de combate, de artigos de encomenda, de nos trazerem assuntos para a gente falar, isso era o nosso trabalho" (QUEIROZ, 1999, p. 204). Da mesma forma, como comparavam as análises feitas por DIAS (2002) de três traduções feitas por Rachel de Queiroz nas décadas de 60 e 70, a escritora utilizou a tradução como arma contra a ameaça representada por João Goulart.

José Olympio com Rachel de Queiroz, 1984.
(Fonte: *Tantos Anos*, 1999)

CAPÍTULO 3

RACHEL DE QUEIROZ, ESCRITORA E TRADUTORA

Neste capítulo, serão apresentados dados biográficos de Rachel de Queiroz, assim como um resumo de sua obra. A década de 40 recebe destaque pelo valor dado às traduções pela escritora e pela contribuição de tal atividade em sua profissão de escritora. Para tais exposições, serão utilizadas tais obras: *Tantos Anos* (1999) – biografia escrita pela autora juntamente com sua irmã caçula Maria Luíza -, *Rachel de Queiroz* (2005), de Heloísa Buarque de Hollanda – Coleção Nossos Clássicos -, e a publicação do Instituto Moreira Sales, *Cadernos de Literatura Brasileira* (2002), contendo diversos artigos sobre a autora, entrevistas e sua biografia. Serão apresentados, também, dados a respeito da atuação de Rachel de Queiroz como tradutora, os quais apontam para a contribuição de sua formação como autora. Além disso, este capítulo aponta para o poder que a tradução tem de formar identidades culturais, de acordo com a obra de Lawrence Venuti, *Escândalos da Tradução* (2002).

3. 1. Rachel de Queiroz: vida e obra

Rachel de Queiroz nasceu em 1910, em Fortaleza (CE) e faleceu em 2003 na cidade do Rio de Janeiro. Teve uma vida bem movimentada, não somente pelas mudanças geográficas ocorridas durante seus 93 anos, mas também por suas práticas como jornalista, escritora, tradutora e militante política. A autora era descendente dos Queiroz pelo lado paterno, família tradicional de Quixadá, e dos Alencar por parte de mãe – sua bisavó materna era prima de José de Alencar, autor de *Iracema*. A família mudou-se para Quixadá, onde o pai de Rachel de Queiroz, Daniel de Queiroz, foi exercer o cargo de juiz de direito, mas retornou para Fortaleza quando ele foi nomeado promotor. A filha tinha então 3 anos de idade. Um ano depois, Daniel pediu demissão e foi lecionar Geografia no Liceu. Para fugir da terrível seca de 1915, os Queiroz se mudaram para o Rio de Janeiro em 1917, passando pouco tempo na

cidade. Logo depois se mudaram para Belém (PA), onde permaneceram por dois anos. Durante esse tempo, a filha primogênita do casal, Rachel de Queiroz, foi alfabetizada e educada em casa pelos próprios pais. Rachel teve outros quatro irmãos: Roberto, Flávio, Luciano e Maria Luiza. Recebeu ensinamentos literários e aprendeu línguas estrangeiras, herança de boas raízes familiares. Ao retornarem para Quixadá em 1920, a escritora foi matriculada no internato Colégio Imaculada Conceição, de freiras francesas, terminando o curso normal aos 15 anos de idade. Este foi o único contato com a educação formal em sua vida.

Ao voltar para a casa dos pais, a autora passou a se dedicar inteiramente à leitura, orientada pela mãe. Essa atividade estimulou seus primeiros escritos. Sobre sua educação formal, disse: “Nunca fiz e nunca me interessei por curso superior [...] eu era a total autodidata” (QUEIROZ, 1999, p. 30). Lia os autores nacionais e estrangeiros, especialmente os de língua francesa. Lia também os russos, Dostoievski, Gorki, Tolstoi, “e todos aqueles que mamãe me passou a sua paixão. E por isso, socialismo, revolução russa, comunismo, até mesmo marxismo propriamente dito, já me eram então assuntos familiares” (QUEIROZ, 1999, p. 35). Aos 17 anos, ela decidiu enviar uma carta a *O Ceará*, jornal ateu e anti-clerical, ironizando o concurso Rainha dos Estudantes, sob o pseudônimo Rita de Queluz. Pouco depois, foi convidada a colaborar com o jornal diretamente.

A família se mudou para um sítio perto de Fortaleza, o Sítio do Pici, ainda em 1927. Aos dezoito anos, teve o único emprego público de sua vida: foi professora de História da Escola Normal até 1930, quando acabou sua interinidade. Ainda nesse ano, a escritora foi submetida a tratamento de saúde com suspeita de tuberculose, época em que escreveu seu primeiro romance, *O Quinze*, sobre a seca de 1915. Seus pais decidiram financiar a publicação do livro com uma tiragem de mil exemplares. A crítica local não foi muito favorável, mas ao

enviarem o livro para o Rio de Janeiro e São Paulo, o romance recebeu elogios de autores como Mário de Andrade e Augusto Frederico Schmidt, fato que levou a autora a se tornar uma personalidade literária.

Com o sucesso do livro, uma segunda edição foi lançada pela Editora Nacional e a escritora pôde pagar o empréstimo aos pais, indo para o Rio de Janeiro em 1931 para receber o prêmio da Fundação Graça Aranha pelo romance. No Rio, conheceu integrantes do Partido Comunista, filiou-se a ele e foi encarregada de fundar o PC no Ceará. Em 1932, a escritora casou-se com o poeta bissexto José Auto da Cruz Oliveira, ano em que também foi fichada em Pernambuco como agitadora comunista. Em suas memórias a autora admitiu que "andava metida em cheio não só com o Partido, mas com uma porção de gente que estava na ilegalidade. Esse curto período de 1932 foi a minha mais prolongada fase de militante" (QUEIROZ, 1999, p. 38).

Nessa época, seu novo romance, *João Miguel*, já estava prestes a ser publicado. Analisado pelo Partido Comunista, o livro foi reprovado. Ela deveria modificá-lo antes da publicação por imposição do partido, pois na história havia acontecimentos não aceitos por seus companheiros, como a morte de um operário por outro. Fingindo aceitar o fato, Rachel pegou seus originais de volta e publicou, no Rio de Janeiro, a obra como ela estava, como havia sido escrita, rompendo, assim, com o partido. *João Miguel*, depois desses acontecimentos, acabou sendo publicado pela Schmidt Editora, cujo dono era Augusto Frederico Schmidt, um judeu de personalidade variada, como disse a escritora:

> Um homem de grande talento poético, de um grande senso lírico, aliado a um sentimento trágico do mundo. Isso fazia parte do judeu que era. E havia a outra parte, a do judeu clássico dos anti-semitas, o comerciante, o homem de interesses, que não pagava, antes tomava o dinheiro da gente. Mas, ao mesmo tempo em que nos tomava o dinheiro, lançava-se naquela aventura de ser editor, e só publicava

> textos que considerasse de muito boa qualidade. Jamais publicou um livro pelo mero interesse de publicar (QUEIROZ, 1999, p. 43).

Em 1933, mudou-se para São Paulo, onde se aproximou do grupo trotskista. Dessa forma, continuou a manter sua postura esquerdista, embora não mais de forma partidária. Ainda nesse mesmo ano, nasceu sua filha, Clotilde, que morreu aos 18 meses de vida, vítima de septicemia. Esse período em São Paulo foi o melhor do seu trotskismo, segundo a autora. Rachel de Queiroz e o grupo se ocupavam em traduzir as memórias de Trotski para uma editora chamada Atena, que os pagava a preço vil, dizendo que estavam fazendo trabalho ideológico. Porém, a escritora parecia satisfeita. Em suas palavras, “em São Paulo, me senti muito feliz. Ensinava, dava aulas particulares à noite, no Sindicato de Professores de Ensino Livre, e traduzia para a Atena Editora. Tinha a minha filhinha e tomava conta dela o tempo todo” (QUEIROZ, 1999, p. 65).

Em 1935, a autora se mudou para Maceió e fez amizade com autores como Graciliano Ramos, Jorge de Lima e José Lins do Rego. Já no ano seguinte, trabalhou para a firma de exportação de um judeu, a G. Gradhvol et Fils, onde se encarregou da correspondência em inglês e francês, tornando-se gerente em 1938. A empresa veio a falir em 1939, devido à segunda guerra, pois a matriz da firma era em Paris, onde fora destruída pelo nazismo. Tal sistema também deixou marcas no Brasil, como comenta Rachel de Queiroz: “Nós, porém, os trotskistas, logo tivemos noção da importância da pregação nazista. [...] eu sempre fui muito ligada aos judeus.[...] e a perseguição a eles começara muito cedo” (QUEIROZ, 1999, p. 129).

Nessa mesma época, lançou seu romance *Caminho de Pedras* (1937), pela Editora José Olympio. Mas com a decretação do Estado Novo, suas obras foram queimadas em Salvador e a escritora, detida em Fortaleza por três meses. No ano em que publicou seu quarto romance, *As Três Marias* (1939), Rachel de Queiroz se separou do marido e se mudou para o

Rio de Janeiro. Em 1940, conheceu, através de seu primo Pedro Nava, o médico Oyama de Macedo, seu segundo marido. Esse também foi o ano em que ela rompeu definitivamente com a esquerda. Em 1944, passou a colaborar definitivamente com os periódicos *Correio da Manhã, O Jornal, Diário da Tarde, O Cruzeiro* e *A Vanguarda Socialista*, jornal fundado por trotskistas. Assim, fixou residência na Ilha do Governador, na cidade do Rio de Janeiro.

Na década de 30, Rachel de Queiroz fez parte do grupo que formalmente chamou-se de escritores nordestinos regionalistas, juntamente a escritores como Graciliano Ramos e José Lins do Rego. Seus romances e posturas socialistas passaram a incomodar o governo de Getúlio Vargas e seus livros foram muitas vezes proibidos ou destruídos. Em seu livro de memórias, *Tantos Anos* (1999), Rachel de Queiroz afirmou: "Aqui no Brasil nossa situação era terrível porque estávamos em pleno Estado Novo. E nós, os intelectuais de esquerda, os escritores, os jornalistas, éramos exatamente os mais massacrados" (p. 130).

Na década de 40, época em que Rachel de Queiroz mais traduziu em sua carreira, a autora adotou uma postura política diferente da que adotara na década anterior, em função do fato de Stalin ter mandado matar Trotski, segundo ela mesma. Apesar disso, em entrevista à versão *on-line* da *Folha de São Paulo*, a autora afirmou: "ideologicamente continuo trotskista, o camarada Trotski ainda é uma personalidade muito importante para mim. Era um grande escritor" (FOLHA ON-LINE, 1998).

Somente nos anos 50 a escritora voltou a escrever romances: publicou *O Galo de Ouro* em forma de folhetim na revista *O Cruzeiro*, em quarenta edições. Escreveu também duas peças, "Lampião" (1953), e "A Beata Maria do Egito" (1958). Em 1961, recusou o convite do presidente Jânio Quadros para o cargo de ministra da Educação. Em 1964 contribuiu para o golpe militar que depôs João Goulart, a quem se opunha devido a seu perfil getulista. Esse golpe levou Castelo Branco, seu conterrâneo e aparentado, ao poder. Passou a

integrar o diretório da ARENA e foi nomeada pelo então presidente a delegada do Brasil na 21ª Sessão da Assembléia Geral da ONU, nos Estados Unidos, em 1966, quando também passou a integrar o Conselho Federal de Cultura, onde permaneceu até 1985.

No último ano da década de 60, a escritora publicou o romance infanto-juvenil O M*enino Mágico*. *Dôra Doralina* foi publicado já na década de 70. Em 1977, a autora se tornou a primeira mulher a ser eleita para a Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira número 5, fundada por Raimundo Correia e ocupada por Bernardo Guimarães, Oswaldo Cruz, Aluísio de Castro e Cândido Mota Filho, respectivamente. Sobre o fato, a autora "insistia em repetir que sua vitória nada tinha a ver com as conquistas femininas, e que sua entrada para a ABL era apenas para satisfazer 'a vontade de velhos amigos'" (HOLLANDA, 2005, p. 11).

Em 1986, Rachel de Queiroz voltou ao romance com a obra infantil *Cafute & Pena de Prata*. Em 1989, a José Olympio lançou em cinco volumes sua *Obra Reunida*, coletânea de livros destinada ao público adulto até então. Em 1992, a escritora lançou *Andira* e o romance *Memorial de Maria Moura*, obra premiada e transformada em minissérie pela Rede Globo, em 1994. No ano seguinte, começou a escrever suas memórias em parceria com a irmã caçula, Maria Luiza. Tal escritura – *Tantos Anos* – foi concluída em 1998. Em 2000, a escritora publicou outra obra de caráter memorialista: *Não Me Deixes*, com histórias do Ceará e receitas culinárias.

Rachel de Queiroz faleceu aos 93 anos de idade, em 4 de novembro de 2003, em seu apartamento no Leblon, Rio de Janeiro. Nesse ano também foi inaugurada a Casa de Cultura Rachel de Queiroz em Quixadá (CE).

Capa do Romance João Miguel, livro que a fez romper com o Partido Comunista.
(Fonte: *Cadernos de Literatura Brasileira*, 2002, p. 116)

3. 2. Anos 40: anos da tradução

Como mencionado no capítulo anterior, a década de 40 representou uma época de grandes acontecimentos políticos em nosso país. Nesse momento, a tradução exerceu umas de suas mais "escandalosas" funções (VENUTI, 2002), qual seja, a de construir representações de culturas estrangeiras, estabelecendo centros e periferias. As editoras passaram a optar pelas obras de ficção para o público feminino, romances policiais e histórias de aventura: "um terço dos romances – 52 títulos entre 156 publicados em 1942, sendo 62% de traduções e 38% de obras de autores nacionais – foi veiculado pelas diversas coleções endereçadas ao público feminino", como aponta MICELI (2001, p. 154). Esse dado aponta para o fato de que o volume de traduções só aumentava na década de 40. Sobre isso, Miceli (2001) continua: "os outros romances publicados nesse mesmo ano [1942] eram, em sua maioria, obras de clássicos europeus, antigos e modernos, de romancistas norte-americanos em vias de consagração ou, então, best-sellers" (p. 154).

A década de 40 também foi o período em que Rachel de Queiroz mais traduziu. O número de suas traduções suplantou o número de suas produções literárias. Seu último romance da década de 30 havia sido *As Três Marias*, de 1939, e sua volta aos romances ocorreu em 1950, com *O Galo de Ouro*, como mencionado anteriormente. É claro que a escritora também produziu textos de sua autoria para os jornais e revistas para os quais contribuía. Mas sua dedicação literária no período foi voltada para a tradução. A profissão de tradutora lhe era rentável e satisfatória. Sobre esse momento de sua carreira, ela disse o seguinte:

> Passei a ser tradutora efetiva, um livro atrás do outro e recebendo uma retirada mensal. Às vezes me ocorre fazer uma conta dos livros que traduzi nesse período. [...] Eu trabalhava regularmente oito a dez horas por dia; nisso ganhava a vida. [...] Eu chegava a traduzir tão

> rapidamente esse tipo de livros [best-sellers] que pagava uma datilógrafa para bater o que eu ditava (QUEIROZ, 1999, p.186-87).

O quadro a seguir, cujas informações foram retiradas de *Cadernos de Literatura Brasileira*, mostra uma comparação entre suas produções e traduções entre as décadas de 30 e 70:

Década / **Produção**	**Anos 30**	**Anos 40**	**Anos 50**	**Anos 60**	**Anos 70**	**Total**
Romances	4	0	1	0	1	6
Teatro	0	0	3	0	0	3
(Livro de) Crônicas	0	1	1	3	1	6
Obras conjuntas	0	1	0	1	2	4
TRADUÇÕES	**0**	**33**	**6**	**3**	**5**	**47**
Total	4	35	11	7	9	66

Quadro 1: Produção literária de Rachel de Queiroz entre as décadas de 30 e 70

Em entrevista presente em *Cadernos de Literatura Brasileira*, ela afirmou que "a tradução muitas vezes é a única maneira dos [sic] leitores conhecerem determinadas obras. Durante um bom tempo, a tradução me ajudou a sobreviver. Mesmo depois que comecei a escrever para *O Cruzeiro*, continuei traduzindo" (2002, p. 25).

A autora afirmou ainda que tinha total liberdade para traduzir o que quisesse, porém, muitas das obras eram escolhidas pela esposa de José Olympio, Vera Pereira, com quem o editor foi casado durante 10 anos – de 1934 a 1944. Era professora, formada em Filosofia, com ampla experiência no exterior, e lia francês e inglês muito bem, dedicando-se "na editora à seção de livros estrangeiros, aos *best-sellers*, às traduções. Precisamente por causa do seu domínio de línguas e sua ampla cultura universal" (VILLAÇA, 2001, p. 139). Uma mulher enérgica, culta e independente como Vera Pereira Jordão provavelmente procurou dar sua contribuição para a difusão da literatura feminina através da tradução. O quadro a seguir, com

destaque para obras de autoria ou temática femininas, lista as obras traduzidas por Rachel de Queiroz na década de 40:

Autor	Título traduzido	Língua de partida
1. Jane Austen	*Mansfield Park*	Inglês
2. Honoré de Balzac	***A mulher de Trinta Anos***	Francês
3. Vicki Baum	*Helena Wilfuer*	Inglês
4. Henry Bellamann	***A Intrusa***	Inglês
5. Stephen Vincent Benet	"O Diabo e Daniel Webster"	Inglês
6. Phyllis Bottone	*Tempestade d'Alma*	Inglês
7. Emily Brontë	*O Morro dos Ventos Uivantes*	Inglês
8. André Bruyere	*Os Robinsons da Montanha*	Francês
9. Pearl Buck	*A Promessa*	Inglês
10. Pearl Buck	*A Exilada*: Retrato de uma Mãe Americana	Inglês
11. Samuel Butler	*Destino da Carne*	Inglês
12. Archibald J. Cronin	*A Família Brodie*	Inglês
13. Archibald J. Cronin	*Anos de Ternura*	Inglês
14. Archibald J. Cronin	*Aventuras da Maleta Negra*	Inglês
15. Mario Donal, pseudônimo de Marie Chambon	*O Quarto Misterioso e Congresso de Bonecas*	Inglês
16. Fiódor Dostoievski	*Humilhados e Ofendidos*	Francês Trad. indireta
17. Fiódor Dostoievski	*Recordações da Casa dos Mortos*	Francês Trad. indireta
18. Daphne Du Maurier	*O Roteiro das Gaivotas*	Inglês
19. Alexandre Dumas	*Memórias de Alexandre Dumas*, pai	Francês
20. John Galsworth	*A Crônica dos Forsyte* (3v.)	Inglês
21. Elisabeth Gaskell	*Cranford*	Inglês
22. James Hilton	*Fúria no Céu.*	Inglês
23. Marie de La Contrie	*Aventuras de Carlota*	Francês
24. Yves Loisel	*A Casa dos Cravos Brancos*	Francês
25. Olive Prouty	***Stella Dallas***	Inglês
26. Erich Maria Remarque	*Náufragos*	Inglês
27. Forrest Rosaire	*Os Dois Amores de Grey Manning*	Inglês
28. Robert Louis Stevnson	"Markheim"	Inglês
29. Irwin Stone	***Mulher Imortal***	Inglês
30. Teresa de Jesus, Santa	*Vida de Santa Teresa de Jesus*	Espanhol
31. Leon Tolstoi	*Memórias*	Francês
32. Germaine Verdat	*A Conquista da Torre Misteriosa*	Francês
33. **Judith Wharton**.	*Eu Soube Amar*	Inglês

Quadro 2: Listagem das obras traduzidas por Rachel de Queiroz na década de 40 do século XX

Observamos, através do gráfico 1, apresentado abaixo, que, apesar de a literatura escrita por homens ainda ser maioria, houve uma preocupação da autora em traduzir obras escritas por mulheres. Das 33 obras totais, 36% são de autoria feminina. Das 21 restantes, alguns dos textos de autoria masculina possuem títulos claramente femininos, em torno de 20%. Isso revela que Rachel de Queiroz realmente contribuiu para a divulgação da escrita feminina e da imagem da mulher como artista, além de questionar a posição desta na sociedade.

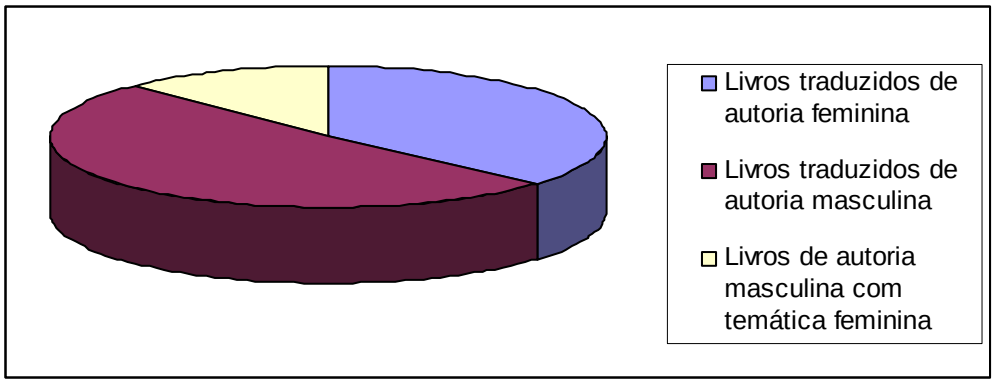


Gráfico 1: Relação de obras de autoria e temática femininas em relação à literatura de autoria masculina

Outro elemento observável é a também contribuição da autora para a mudança de língua de cultura na época. A língua inglesa passava a ganhar espaço em relação à língua francesa devido às mudanças histórico-sociais já discutidas anteriormente. O gráfico a seguir ilustra a utilização do idioma inglês, na maioria de suas traduções na década de 40, comparada à de outras línguas:

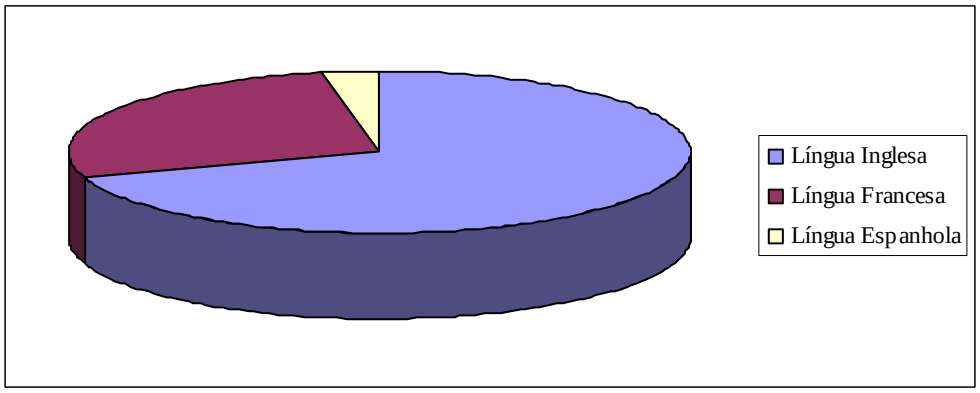


Gráfico 2: Idiomas utilizados por Rachel de Queiroz em suas traduções na década de 40 do século XX

O gráfico mostra que, nos anos 40, apenas 1 obra foi traduzida do espanhol (3%), enquanto que 27% das obras foram traduzidas do francês e 70% da língua inglesa. Sobre a demanda da nova literatura, Rachel de Queiroz comentou: "adestrei-me então no inglês, no qual até então era fraca, desde que Vera Pereira [nome de casada de Vera Pacheco Jordão], mulher de José Olympio, assumiu a escolha de autores a traduzir – e ela gostava de literatura inglesa. Foi ela que me fez traduzir os vários volumes de *Forsyte Saga*, de John Galsworthy" (QUEIROZ, 1999, p. 187).

Rachel de Queiroz no dia de sua posse na Academia Brasileira de Letras, 1977.
(Fonte: *Tantos Anos*, 1999)

3. 3. A tradução como formadora de identidade autoral

Segundo Lawrence Venuti, em *Escândalos da Tradução* (2002), a tradução retira o texto estrangeiro de seu contexto cultural e histórico e o recoloca em outro contexto, fixando estereótipos para a cultura estrangeira. Os efeitos de uma tradução podem se revelar conservadores ou transgressores, dependendo das estratégias utilizadas pelo tradutor e dos elementos paratextuais, fazendo com que os sujeitos se posicionem com uma determinada postura em relação àquela cultura estrangeira.

Segundo o autor, "o poder da tradução de formar identidades sempre ameaça constranger as instituições político-culturais porque revela as fundações instáveis de sua autoridade social e [...] seus efeitos [das traduções] ultrapassam os controles institucionais que normalmente regulam a interpretação textual" (VENUTI, 2002, p. 132). Assim como outros grupos, "a academia influencia a natureza e o volume de traduções publicadas pela indústria editorial. Nesse ponto, uma comunidade cultural específica controla a representação de literaturas estrangeiras para outras comunidades na cultura doméstica, privilegiando certos valores domésticos enquanto exclui outros e estabelecendo um cânone de textos estrangeiros que é necessariamente parcial porque está a serviço de certos interesses domésticos" (VENUTI, 2002, p. 137).

A tradução também possibilita a formação de sujeitos domésticos devido a um processo de espelhamento ou auto-reconhecimento, isto é, "o texto estrangeiro torna-se inteligível quando o leitor ou a leitora se reconhece na tradução, identificando os valores domésticos que motivaram a seleção daquele texto estrangeiro em particular, e que nele estão inscritos por meio de uma estratégia discursiva específica" (VENUTI, 2002, p. 148). Esse auto-reconhecimento é também falso, já que a inscrição doméstica é tomada pela estrangeira,

mas isso facilita a colocação do sujeito em uma posição ideológica almejada por um determinado grupo social ou instituição.

No caso das escolhas feitas por Rachel de Queiroz em relação às obras traduzidas, percebe-se que a divulgação da literatura feminina foi uma das motivações da escritora. Como veremos mais adiante, temas femininos serão recorrentes entre suas traduções. Tal tema também se observa presente em todas as suas criações através da presença de fortes personagens femininas, em sua maioria mulheres auto-suficientes. Com sua postura inovadora ao construir protagonistas femininas fortes e obstinadas, "pode-se perceber a força inaugural de postura profissional de Rachel e de sua audácia na construção de personagens femininas. Mulheres livres, que correspondem às turbulências políticas da década de 1930 e de um momento em que a literatura assume a tarefa de pesquisar e conhecer a realidade social do país" (HOLLANDA, 2005, p. 15). Ainda segundo Hollanda (2005), "é importante lembrar que Rachel foi a única escritora mulher aceita como representante do movimento modernista. Foi uma mulher que escolheu e determinou seu destino afetivo, existencial, literário, profissional, político. Uma mulher que secundava a trajetória, ainda que menos vitoriosa, de suas muitas heroínas" (p. 26).

A posição ocupada pela mulher na sociedade ou como ela era vista estavam em evidência, embora a escritora não tenha se considerado uma feminista. Em um trecho de sua entrevista a *Cadernos de Literatura Brasileira*, quando perguntada se ela se considerava uma feminista por ter seu nome associado às conquistas da mulher brasileira devido à sua trajetória profissional, a escritora afirmou sua posição:

> Eu sempre tive horror das feministas; elas até me chamavam de machista. Eu acho o feminismo um movimento mal orientado. Por isso sempre tomei providências para não servir de estandarte para ele. Às vezes, uma feminista dava entrevista falando mal de um homem:

> pois eu achava um jeito de dizer que gostava do atacado só para marcar minha posição (QUEIROZ citada em Cadernos de Literatura Brasileira, 2002, p. 25-26).

Apesar de afirmar ter tido certo "horror" ao movimento feminista, o fato é que a escritora contribuiu bastante para a divulgação da literatura feminina, tanto com suas obras quanto com as traduções que fazia. Alguns de seus romances, por exemplo, levam o nome da protagonista no título, tais como *As Três Marias, Dôra Doralina* e *Memorial de Maria Moura.*

Por outro lado, ainda na mesma entrevista, Rachel de Queiroz afirma acreditar em uma escrita feminina, pois "o mundo da mulher não é o mundo masculino. As marcas da escrita feminina estariam principalmente na linguagem [...]. Hoje o estilo de muitas escritoras se impõe. Clarice, por exemplo, ela foi a maior de todas nós – e era absolutamente feminina" (QUEIROZ citada em Cadernos de Literatura Brasileira, 2002, p. 26). Jacó Guinsburg perguntou à escritora sobre a condição da mulher em seus romances, já que suas personagens buscavam igualdade de direitos e libertação sexual em função do direito sobre o próprio corpo. Sobre a questão, a autora respondeu: "Sim, houve um empenho por tudo isso e é claro que já se avançou muito, principalmente no setor profissional, onde as mulheres têm demonstrado grande vigor" (QUEIROZ citada em Cadernos de Literatura Brasileira, 2002, p. 26). A autora ainda fez uma comparação com a época em que era jovem: "Na minha adolescência, a mulher não estava ainda firme em suas posições de liberdade, como hoje. Seus direitos de estudar, de amar, de ser, tudo isso ainda era muito restrito" (QUEIROZ citada em Cadernos de Literatura Brasileira, 2002, p. 31).

Além de toda a utilização da temática feminina em suas escolhas, tanto em suas composições como em suas traduções, é visível a mudança de estilo de Rachel de Queiroz ao longo dos anos. Tal fato mostra como a tradução contribuiu para a formação de sua identidade

autoral. Como observa o crítico literário Wilson Martins, a tradução teve grande influência sobre a escrita da autora, pois ela teria se familiarizado com processos narrativos de alta qualidade. Afirma ainda que não devemos minimizar os efeitos de tais obras sobre seu trabalho como romancista, colocando-a em contato com novas perspectivas em relação à arte de escrever, "afinal, a tradução é uma reescritura" (MARTINS citado em Cadernos de Literatura Brasileira, 2002, p. 85). A própria autora deixou claro que, com a atividade tradutória, o tradutor aprende muito, pois esse "se familiariza com os procedimentos dos autores traduzidos" (QUEIROZ citada em Cadernos de Literatura Brasileira, 2002, p. 25).

Analisando suas primeiras obras, observamos que a escritora tinha um estilo objetivo e econômico, recusava adjetivos, talvez influenciada pelo movimento modernista da época. *O Quinze* era considerado por muitos um livro escrito por um homem devido à linguagem limpa e seca utilizada. Esse livro trazia uma "impressão de autenticidade", como comentou Mário de Andrade (ANDRADE citado por HOLLANDA, 2005, p. 14), em oposição a outros autores nordestinos. Essa impressão estava longe de qualquer tipo de idealização. Tentava, na verdade, mostrar como eram a vida e a linguagem no nordeste de sua época, o que também se revelava em suas crônicas e contos, pois como ela mesma disse, "procuro a linguagem que se aproxima o mais possível da linguagem oral, naturalmente no que a linguagem oral tem de mais original e espontâneo, rico e expressivo" (QUEIROZ citada por HOLLANDA, 2005, p. 22).

Formando uma trilogia com *O Quinze*, os romances *João Miguel* e *Caminho de Pedras*, afirmaram "seu compromisso com a linguagem clara, de dicção moderna, a preocupação com o social, seus conflitos políticos, sua raiz nordestina. Marca ainda sua habilidade no desenho de personagens femininas, cujo desempenho desafia invariavelmente a lógica patriarcal desta primeira metade do século XX" (HOLLANDA, 2005, p. 19-20).

Somente em 1939, ao publicar *As Três Marias*, a autora mudou de estilo ao escrever um romance em primeira pessoa, dando mais atenção aos conflitos interiores das personagens do que às dificuldades da vida nordestina. Já nos anos 70, o estilo é mais diferenciado ainda, como apontou Wilson Martins em um dos artigos de *Cadernos de Literatura Brasileira*:

> O estilo de Rachel de Queiroz, enquanto escritora, alcança, nos dois últimos livros [*Dôra Doralina* e *Memorial de Maria Moura*], um ponto de perfeição claramente insuperável. A fluência da frase, e, até aqui e ali, certa elegância rebuscada, sem excluir alguns lusitanismos, correspondem ao movimento narrativo, que se caracteriza pelas peripécias encadeadas umas às outras. Não há pontos mortos e a alternância dos monólogos interiores consagrados sucessivamente aos diversos protagonistas, embora tornando impróprio o título da obra, supera de longe o primitivismo a que nos havíamos acostumado (e resignado...) nos anos 30 (2002, p.83).

O que Martins observou aponta para o fato dedutível de que Rachel de Queiroz adquiriu, após vários anos trabalhando como tradutora, um estilo de escrita mais sofisticado e menos simplista do que no início de sua carreira como escritora. Assim, percebe-se que a tradução exerceu grande influência sobre a obra da autora, que teve contato com grandes obras da literatura mundial.

CAPÍTULO 4

A PRÁTICA TRADUTÓRIA DE RACHEL DE QUEIROZ

Neste último capítulo, será feita uma avaliação da prática tradutória de Rachel de Queiroz na década de 40, através da análise de duas obras: o conto “Markheim”, do escritor inglês Robert Louis Stevenson, e o romance *Mansfied Park*, da escritora inglesa Jane Austen. As escolhas de Rachel de Queiroz serão avaliadas através de seus temas centrais e dos procedimentos utilizados pela autora ao traduzir tais obras. A prática tradutória de Rachel de Queiroz nas décadas de 60 e 70 também será mencionada por motivo de comparação e contraste.

4. 1. A tradução nas décadas de 60 e 70

Segundo declarações da própria Rachel de Queiroz, na década de 60 do século XX, ela se envolveu com movimentos conspiradores a favor do golpe militar de 1964, utilizando-se de seu trabalho como jornalista e cronista para pregação política, como deixou claro na seguinte declaração: “Eles me usavam como jornalista, eu opinava muito e era muito lida. [...] o lado político, de pregação, de jornalismo de combate, de artigos de encomenda, de nos trazerem assuntos para a gente falar, isso era o nosso trabalho” (QUEIROZ, 1999, p. 204).

A autora mantinha uma relação direta com o aparato anticomunista do complexo Ipês-IBAD, cujo objetivo era manipular notícias e propagandas a serviço do golpe. Esse complexo era formado por duas instituições civis – o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (Ipês) e o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), a fim de desestabilizar o governo de João Goulart, sendo importante mencionar “a formação de uma comissão de ensaístas, escritores, personagens literários e outros intelectuais, responsáveis pela produção e tradução de livros, artigos e panfletos, além da edição de filmes” (DIAS, 2002, p. 33). Eram contribuintes do Ipês a revista *O Cruzeiro* e a Editora José Olympio, para as quais Rachel de Queiroz escreveu e traduziu por longos anos.

Alguns exemplos da atuação da escritora como militante foram citados por Dias (2002) em seu estudo, tais como a coletânea *Crônicas Engajadas*, apontada como obra partidária de grande importância anticomunista e a crônica "O Brasileiro Perplexo" em *O Homem e o Tempo* (1995), texto em que expressou informações úteis aos articuladores do golpe de 1964 ou descontentamento político.

O risco de o Brasil se tornar um país comunista e antidemocrático foi propagado para que as pessoas acreditassem nos rumos tomados pela política brasileira, em que "havia uma necessidade de divulgação de uma literatura democrática, quer nacional ou estrangeira, que alertasse os leitores de todas as camadas sociais contra os males e mitos da doutrina socializante de Jango" (GARRIDO TORRES citado por DIAS, 2002, p. 94). Assim, traduções também foram utilizadas para o alcance de tal objetivo.

Os textos traduzidos por Rachel de Queiroz nas décadas de 60 e 70 do século XX sobre os quais girou o trabalho de Dias (2002) estavam de acordo com as determinações do complexo Ipês-IBAD sobre o conteúdo de livros e traduções a serem publicados no Brasil naquele momento, pois era inclusive impossível para as próprias editoras evitarem o envolvimento com o complexo, se quisessem obter lucros. Nessas décadas, Rachel de Queiroz traduziu para três editoras diferentes, a Delta, as Edições Ouro e a José Olympio, cuja quantidade de obras não ultrapassou o total de oito.

Na época, Rachel de Queiroz traduziu dois tipos de obras: a de entretenimento e a de propaganda política. O primeiro tipo servia, assim como a telenovela e o futebol, "para ajudar a manipular o povo através da despolitização, enquanto o golpe e o regime militar acontecia [sic]" (DIAS, 2002, p. 85). Livros somente de entretenimento traduzidos na época pela autora que se prestam de exemplo são: *O Deserto do Amor* (1966), de François Mauriac, *O Romance da Múmia* (1972), de Theóphile Gauthier e *A Mulher Diabólica* (1972), de Agatha Christie. Já

o segundo tipo de literatura se encarregava em divulgar a ideologia de interesse do Ipês-IBAD, a fim de legitimar o novo regime. Tal literatura, obviamente, também servia para entretenimento, porém continha a filosofia desejada pelo poder vigente. Assim, o leitor não tinha consciência de estar lendo uma obra contendo preceitos políticos embutidos em suas histórias.

Dias utilizou em seu estudo três obras consideradas de pregação política, uma de cada editora, para análise do comportamento de Rachel de Queiroz como tradutora nas décadas de 60 e 70: *Minha Vida*, de Charles Chaplin, publicado pela José Olympio em 1964; *Os Carolinos:* Crônica de Carlos XII, de Vernon Von Heidenstaim, lançado pela Delta em 1963; e *O Lobo do Mar*, de Jack London, publicado pelas Edições Ouro em 1972.

O primeiro livro é uma autobiografia do inglês Charles Chaplin, em que narra sua vida como imigrante nos Estados Unidos, pátria do capitalismo, da democracia e do futuro. O assunto era de interesse do Brasil nas décadas de 60 e 70, e mostra os EUA como uma nação acolhedora que pode ser hostil com quem não adapta às regras daquela sociedade, o que aconteceu com Chaplin quando foi acusado de comunista. Porém, a América é sempre vista como o país da esperança, do sucesso e da prosperidade. Dias faz uma "analogia com os tempos difíceis que os brasileiros viviam na época do pré e pós-ditadura. A fé em Deus fazia com que eles acreditassem que o Brasil era o país do futuro, que um dia se desenvolveria e todos viveriam tranquilamente" (DIAS, 2002, p. 86).

A segunda obra analisada, *Os Carolinos:* Crônica de Carlos XII, descreve o patriotismo e a fidelidade de um povo a seu Rei. O sofrimento e os sacrifícios dos súditos são destacados na esperança de salvar a nação sueca do ataque dos russos. Dias afirma que a publicação de tal livro foi conveniente para o governo militar devido à exaltação do patriotismo e a condenação da invasão russa em uma época em que o Brasil se sentia

ameaçado pelo comunismo. Esperava-se que os cidadãos brasileiros se comportassem como patriotas, seguindo o exemplo da história contida na obra.

O terceiro livro comentado, o romance *O Lobo do Mar*, narra a história de um náufrago resgatado por uma escuna cujo capitão era considerado cruel e rude. Porém, esse capitão, o Lobo Larsen – como era chamado – era um autodidata com amplo conhecimento em áreas como matemática, filosofia, navegação e literatura. O resgatado passa a trabalhar na cozinha do barco e aprende a viver por si só, adquirindo força, até que supera o Lobo do Mar. Segundo a análise feita por Dias, "durante o período militar os brasileiros passaram por momentos difíceis, assim como o náufrago Van Weyden, no livro. E como ele, os brasileiros um dia receberiam a recompensa: um país desenvolvido, próspero, sem desigualdades sociais" (DIAS, 2002, p. 92).

4. 2. A tradução na década de 40

Conforme mencionado**,** a monografia de conclusão do Bacharelado em Letras: Ênfase em Tradução - Inglês da Universidade Federal de Juiz de Fora realizada por Érika Dias (2002) comprovou que três dos oito livros traduzidos por Rachel de Queiroz entre as décadas de 60 e 70 do século XX abordaram temáticas de interesse dos dirigentes do complexo Ipês-IBAD que controlavam a produção cultural no Brasil no período em questão. A presente monografia, por sua vez, analisará dois textos traduzidos por Rachel de Queiroz na década de 40, o conto "Markheim" e o romance *Mansfield Park*, com a finalidade de verificar a relação entre os temas abordados nessas obras e os interesses daqueles que determinavam a política cultural no Brasil no momento em que tais traduções foram publicadas. Além disso, ela verificará a medida da interferência da tradutora nos textos em análise.

O primeiro texto trata-se de um conto filo-semita traduzido em uma época de grande perseguição ao povo judeu, o segundo, de autoria feminina, aborda a questão da mulher na sociedade inglesa.

4. 2. 1. A tradução do conto "Markheim", de Robert Louis Stevenson

O conto "Markheim" foi escrito em 1885 pelo romancista, poeta e ensaísta inglês Robert Louis Stevenson, que se tornou conhecido por seus romances de aventura e suspense. Sua obra mais famosa, *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, trata-se de "uma alegoria entre as forças do bem e do mal que se debatem na personalidade humana", segundo Ifor Evans em *História da Literatura Inglesa* (1976, p. 307). Tal temática também se apresenta no conto citado.

A tradução de "Markheim", feita na década de 40 por Rachel de Queiroz, encontra-se publicada no livro *Contos Ingleses*, organizado por Rubem Braga (2004). Esta foi a primeira obra traduzida pela autora nos anos 40 com a qual tive contato. A tradução desse texto aponta para alguns aspectos importantes. A seguir, é feita uma avaliação do assunto do texto escolhido assim como dos procedimentos tradutórios utilizados pela escritora.

A história de um judeu dividido entre o bem e o mal traz elementos sobrenaturais em estilo vitoriano, caracterizado por uma moralidade profundamente conservadora. A luta interior é demonstrada de maneira bem realista pelo autor, seguindo a tendência literária da época. O conto narra um dia ocorrido na vida do protagonista. Ele está em Londres e entra em uma loja de antiguidades com intenção de roubar, fazendo-se passar por um cliente. Em seguida, mata o negociante e decide entrar em sua casa, que ficava no andar de cima. Entretanto, o tempo todo, Markheim tem a sensação de não estar sozinho e sente-se apavorado até que surge alguém: uma figura sombria e misteriosa. Tal figura parece conhecer

Markheim em seu íntimo e se oferece para ajudá-lo. Começa a partir daí uma luta do personagem principal com sua consciência através da presença do outro.

Durante o diálogo entre os dois, Markheim deixa claro que esse não foi seu primeiro crime, mas será o último, pois só precisa do dinheiro para pagar dívidas de jogo. O outro prevê os próximos acontecimentos da vida de Markheim, dizendo que este continuará na vida do crime. Porém, o protagonista decide se entregar quando a criada chega à casa e a figura sinistra desaparece.

A história de Markheim, um judeu viciado em jogo que se entrega aos crimes de roubo e assassinato, chega a um momento de decisão. A moralidade embutida no conto se apresenta através da consciência culpada do protagonista e na sua decisão de remissão diante da tentação de continuar pecando. Dessa forma, Markheim é apontado no texto como um ser humano como outro qualquer, dividido entre as forças dúbias da natureza humana, não sendo diferente de ninguém por ser judeu.

Na tradução deste texto, Rachel de Queiroz se comporta como uma tradutora inovadora em diversos aspectos. Em primeiro lugar, a escolha do texto: um conto filo-semita de origem européia, onde um judeu vence à tentação do mal e triunfa por vontade própria, como pode ser percebido na seguinte fala da personagem:

> Se estou condenado a cometer crimes, pelo menos ainda me resta uma porta escapatória: posso deixar de agir. Se minha vida é uma coisa má, posso pelo menos mantê-la imóvel. Embora, segundo você o disse com a verdade na boca, eu esteja à mercê da menor tentação, ainda posso, graças a um gesto decisivo, colocar-me fora do alcance de todas elas. Meu amor ao bem está condenado à esterilidade: pode ser, e vá lá que seja! Mas resta-me o ódio ao mal. E para mortificação e desapontamento seu, verá que desse ódio hei de haurir energia e coragem (STEVENSON, 2004, p. 125).

O tema abordado em “Markheim” parece ter atraído particularmente Rachel de Queiroz. Em resposta a Henry Sobel na entrevista para *Cadernos de Literatura Brasileira*, a autora afirmou que suas raízes judaicas apareciam mais em sua forma de ser do que em sua produção literária e que a descoberta dessas raízes a deixou muito feliz. A família havia descoberto que os Alencares eram descendentes de cristãos novos que saíram da Europa na época da Inquisição e foram mandados para Pernambuco, onde continuaram com suas práticas religiosas. A autora ainda ressaltou que ficou orgulhosa ao descobrir esse passado, pois sempre fora amiga dos judeus. Inclusive há, em Israel, uma creche com seu nome (2002, p. 26-27). Como visto em sua trajetória de vida, a escritora, algumas vezes, recebeu apoio de judeus para quem trabalhou, pessoas por quem manteve gratidão e carinho.

Em uma época marcada pelo preconceito contra o povo judeu, Rachel de Queiroz traduziu um texto em defesa desse povo com o aval de José Olympio, que também parecia interessado no assunto. Ambos foram, no mínimo, corajosos ao publicarem um texto que ia de encontro à ideologia integralista de cunho fascista, que representava a direita no período. O editor foi contra a publicação de obras anti-semitas, pois não concordava com a perseguição ao povo judeu nos anos 30 e 40. O empresário sempre se recusou a publicar obras como *Brasil, Colônia de Banqueiros* ou *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo,* apesar de ter sido o editor favorito dos integralistas. Ao contrário, “publicou obras em defesa do povo judeu, tais como *Les Juifs*, de Paul Claudel, Jacques Maritain, Denis de Rougement, André Spire, Georges Cattaui e outros preeminentes intelectuais cristãos liberais. Esse livro saiu em 1938, como *Os judeus*, em tradução de Jorge de Lima, que a ela acrescentou um poema de sua autoria, ‘Invocação a Israel’” (HALLEWELL, 1985, p. 365).

Em segundo lugar, Rachel de Queiroz procurou marcar a cultura de origem do texto que traduziu mostrando-se uma autora culta e erudita, pois além de traduzir textos oriundos do

idioma francês, também sabia traduzir da língua de cultura emergente: a inglesa. Como exemplo, pode-se citar o uso de duas palavras deixadas de traduzir: *cab* e *fog*, como podemos observar nos trechos:

ORIGINAL	TRADUÇÃO DE RACHEL DE QUEIROZ
1. [...] the faint rushing of the *cabs* in a near thoroughfare, filled up the interval of silence (p. 1, meu grifo). 2. […] the day blind with *fog*; and the light that filtered down to the ground story was exceedingly faint (p. 4, meu grifo).	1. [...]o fraco som dos *cabs* a rolar na rua, lá longe, encheram aquele intervalo de silêncio (p. 112). 2.[...] o dia estava enevoado de *fog*; e a luz que escorria até o chão era muito tênue (p.116).

A presença da língua do original na língua da tradução caracteriza um procedimento estrangeirizante. Isso significa que ela atuou de maneira diferente à de Monteiro Lobato, por exemplo, o qual adaptava os textos que traduzia à realidade nacional brasileira se comportando como um tradutor domesticante. O uso de tais termos pela autora prova sua contribuição para a mudança de língua de cultura no momento histórico em questão, acrescentando expressões do idioma no cotidiano do brasileiro.

Ao mesmo em que tinha essa preocupação de marcar a origem do texto, ela se preocupava em dotar a tradução de um caráter fluente, transparente, típico das traduções domesticantes. Para isso, Rachel de Queiroz adaptava o texto para tornar a cultura estrangeira mais próxima do leitor brasileiro, como nos exemplos seguintes:

ORIGINAL	TRADUÇÃO DE RACHEL DE QUEIROZ
1) […] and the painted *Jacobean* tombs, and the dim lettering of the Ten Commandments in the chancel (p. 7, meu grifo). 2) I am *the essence of discretion* […] (p. 1, meu grifo).	1) […] os túmulos pintados *dos tempos do rei James I*, e as letras escuras em que estavam gravados os Dez Mandamentos, no coro. (p. 120, meu grifo). 2) Sou a *discrição em carne e osso* [...] (p. 112, meu grifo).

No exemplo "1", em vez de simplesmente traduzir *Jacobean tombs* por *túmulos jacobitas,* Rachel de Queiroz preferiu tornar a leitura do texto traduzido mais fluente ao adaptá-lo através da utilização da expressão *túmulos* (pintados) *dos tempos do rei James I.* Dessa forma, explica-se a origem histórica do termo pertencente à cultura do texto original. Já no exemplo "2", a autora opta por fazer uma adaptação no texto traduzido e utilizar a expressão idiomática brasileira *em carne e osso*, o que corresponde à *the essence of,* no original. Tal trecho poderia ter sido traduzido pelo equivalente *a essência da*, porém o termo escolhido por Rachel de Queiroz, sem dúvida alguma, torna a passagem mais fluente para o leitor brasileiro.

Há um terceiro ponto interessante a se notar na tradução de tal texto. A autora substitui, o tempo todo, a palavra *mind*, do original, por *espírito,* em português. Os trechos a seguir contrastam original e tradução, mostrando que a escritora manteve o mesmo estilo do autor inglês, mas modificou uma palavra: um detalhe que fazia toda a diferença:

ORIGINAL	TRADUÇÃO DE RACHEL DE QUEIROZ
1. And still, as he continued to fill his pockets, his *mind* accused him with a sickening iteration, of the thousand faults of his design (p. 3, meu grifo).	1. E embora continuasse ele a encher os bolsos, o *espírito* o acusava, com irritante repetição, de milhares de lacunas no seu plano (p. 115, meu grifo).
2. […] incessant toiling of the *mind* to change what was unchangeable […] (p.3, meu grifo).	2. [...] uma incessante labuta do *espírito* querendo mudar o que era imutável [...] (p. 115, meu grifo).
3. […] with no conscious repugnance of the *mind*, yet with a tremor of the belly, he drew near the body of the victim (p. 5, meu grifo).	3. [...] sem nenhuma repugnância consciente no *espírito*, mas com um tremor nas entranhas, aproximou-se do corpo da vítima [...] (p. 117, meu grifo).
4. And are my vices only to direct my life, and my virtues without effect, like some passive lumber of the *mind*? (p. 9, meu grifo).	4. E então, só meus vícios hão de dirigir minha vida, e minhas virtudes permanecerão inúteis, como um traste inútil do *espírito*? (p. 124, meu grifo).

Apesar de sempre ter sido atéia, Rachel de Queiroz era contra a discriminação religiosa ou qualquer outro tipo de preconceito, como declarou ao dizer que “o preconceito anti-semita é religioso, não racial. E é verdade que, muitas vezes os judeus também se isolam. Quanto ao preconceito racial propriamente dito [...] eu sempre repudiei” (QUEIROZ citada em Cadernos de Literatura Brasileira, 2002, p. 27). Isso mostra por que a autora escolheu a mudança de termos em sua tradução: certamente pretendia dar a seu texto um caráter mais religioso com o objetivo de atingir mais o povo brasileiro.

Além disso, a história de Markheim com o estranho vulto que aparece naquele momento de sua vida também nos permite fazer uma associação com *Dr. Faustus*, história de Fausto e Mefistófeles do autor inglês Christopher Marlowe, cujo protagonista vendeu sua alma ao diabo. Se levarmos em consideração que o sentido da palavra *espírito* está bem mais

próximo de *alma* do que do sentido da palavra *mente*, então podemos dizer que Rachel de Queiroz fez uma escolha proposital ao explicitar mais o paralelo existente entre ambas as obras.

4. 2. 2. A tradução do romance *Mansfield Park*, de Jane Austen

Jane Austen foi uma das escritoras de maior representatividade da literatura inglesa do século XIX. Seu estilo irônico era uma antítese ao ideal romântico. Suas heroínas, sempre jovens, procuram um bom casamento, pois isso era determinante para o *status* social de uma mulher. Seu foco era a classe média provinciana inglesa, sobre a qual escrevia com humor e conhecimento, dando muita atenção a todos os detalhes. A autora não mostrava o mundo exterior em seus romances e não denotava "qualquer curiosidade pelo passado, e os acontecimentos que abalaram a Europa dos seus dias não deixaram vestígio nas páginas da sua obra" (EVANS, 1976, p. 278).

Sua habilidade para a escrita tornou seus romances atemporais, explicando sua popularidade até os dias de hoje. Seus principais romances, tais como *Sense and Sensibility* (1811), *Pride and Prejudice* (1813), *Emma* (1815) e *Mansfield Park* (1814), sobre o qual iremos falar, se concentram na tensão existente entre caráter e responsabilidade – personalizados em suas protagonistas femininas - em um restrito círculo social.

Um dos primeiros romances traduzidos por Rachel de Queiroz foi *Mansfield Park*. A obra critica a sociedade mostrando fatos como o comércio de escravos e a corrupção da alta classe britânica no século XIX, além de tratar de assuntos como casamento, religião e moral, temas sempre presentes em seus livros.

O romance conta a história de Fanny Price, uma menina pobre que é "adotada" pela família de sua tia Maria, que se casou com Sir. Thomas Bertram, homem de posses. Em

Mansfield Park, propriedade rural da família Bertram, Fanny convive com as primas Maria e Julia, e os primos Tom e Edmund. A menina é educada, mas sempre lembrada de sua posição de agregada naquela casa. Suas primas são fúteis e não chegam a considerá-la uma amiga; o primo mais velho, Tom, leva uma vida desregrada e leviana. O único com quem Fanny passa a ter amizade é Edmund, que almeja ser ordenado pastor e por quem a garota se apaixona secretamente e com quem se casa mais tarde.

Sobre a escolha da obra para tradução, podemos destacar o fato de ser esta uma obra de autoria feminina que discute o lugar da mulher na sociedade em um ambiente rural. Assim como nas obras de autoria de Rachel de Queiroz, tal ambiente é determinante para o comportamento das personagens. Além disso, nos textos da escritora, cada personagem feminina tem um papel na obra e a história gira em torno de suas aspirações, assim como nos romances de Austen. A protagonista Fanny Price simboliza a mulher reprimida que ocupa uma posição secundária na sociedade por ter nascido em uma família sem recursos financeiros e ter sido adotada pela rica família da tia. Percebe-se claramente esse caráter da personagem nas descrições de seu comportamento, tais como em:

> Fanny não tomou parte nos divertimentos da estação; mas encontrava prazer em ser reconhecidamente *util a sua tia*, quando o resto da familia se ausentava [...]. Quanto aos divertimentos das primas, gostava de ouvir falar sobre eles [...] mas *fazia de sua propria* [sic] *situação um tão baixo conceito* que nunca imaginava poder tomar parte neles e por isso ouvia como se fossem cousas [sic] muito distantes dela. (1958, p. 32, meu grifo)[3].

Como um contraste à personagem principal, podemos citar Mary Crawford, cunhada do segundo pastor de Mansfield Park, recém-chegada à propriedade por ter sido educada por

[3] Essa citação em português, assim como as que seguirão, foi feita a partir da versão de *Mansfield Park* traduzida por Rachel de Queiroz.

parentes na cidade. Seu discurso mostra que não é uma moça de idéias provincianas como alguns membros da família Bertram esperavam, o que pode ser observado nos trechos a seguir:

> - Aí está, arrisco minha última ficha, como *uma mulher de coragem*. Comigo não admito prudencia. *Não nascí para ficar parada e não fazer nada*. Se eu perder a partida, não será por não ter lutado para ganhá-la. (1958, p. 205, meu grifo).
>
> - Ah, Fanny, ouvir a mulher amada não achar para aquilo outro nome senão "loucura"! Descrever aquilo tão voluntariamente, tão friamente, tão livremente! Sem relutância, sem horror, *sem timidez feminina,* e, ousaria dizê-lo? sem modéstia nem repugnância! *Eis o que o mundo faz de uma moça!* Onde encontrariamos entretanto, Fanny, uma mulher tão ricamente dotada pela natureza? Corrompida, corrompida! (1958, p. 384, meu grifo).

Em relação à língua do texto original, assim como na tradução do conto "Markheim", a tradutora se posiciona de maneira estrangeirizante em diversos aspectos, pois encontramos vários exemplos de manutenção da língua inglesa no texto traduzido. Em primeiro lugar, todos os nomes próprios, tanto de pessoas quanto de lugares, foram mantidos, assim como os títulos referentes às personagens, como por exemplo, *Miss Crawford, Lady Bertram, Mrs. Grant e Sir Thomas.* Em outros poucos momentos ocorre a conservação de trechos do texto estrangeiro sem sequer uma nota de pé-de-página ou tentativa de tradução,como na seguinte passagem em que há uma citação de uma obra literária e uma paródia desta feita por uma das personagens:

> — Sir Thomas vai fazer grandes cousas [sic] quando voltar para casa, disse Mary depois de um intervalo. Você se lembra do "*Address to Tobacco*", de Hawkins Brawne, na imitação de Pope?
> *"Blest leaf! whose aromatic gales dispense*
> *To Templars modesty, to Parsons sense".*

> Eu faço a seguinte parodia:
> *“Blest Knight! whose dictatorial looks dispense*
> *To children affluence, to Rushworth sense”.*
> (1958, p.138, meu grifo).

Os vocábulos *hall* e *gentleman* não são traduzidos pela autora, provavelmente porque já haviam sido tomados de empréstimo pelos brasileiros. De qualquer forma, a sua manutenção no texto em itálico traz uma cor local a ele, que, ao mesmo tempo em que identifica a sua origem, demonstra a importância que a língua inglesa já possuía naquele momento, como mostram os exemplos:

TEXTO ORIGINAL	TRADUÇÃO DE RACHEL DE QUEIROZ
1- A glimpse, as she passed through the *hall*, of the two ladies walking up from the Parsonage [...] (p. 171, meu grifo).	1- Ao atravessar o *hall*, avistou as duas senhoras vindo do Presbiterio [sic] [...] (p. 143).
2- He stopped; and, un*gentleman*like as he looked […] (p. 408, meu grifo).	2- Mr. Price parou, e por menos que ele semelhasse a um *gentleman*, [...] (p. 338).

Entretanto, na maior parte do texto, Rachel de Queiroz se comporta de forma domesticante, pois mostra preocupação em tornar o texto mais fluente para o leitor brasileiro, fazendo adaptações de certas passagens em sua tradução do romance. Como ilustração, pode-se destacar um trecho em que menciona uma peça do dramaturgo alemão do século XVIII, August Von Kotzebue, que foi traduzida para a língua inglesa com o título de “Lover’s vows”: “A peça escolhida tinha sido ‘Lover’s Vows’ (*Juras de amor*), e Mr. Yates faria o papel de Conde Cassel” (p. 105, meu grifo). Ao traduzir, entre parênteses, o nome da peça, a autora traz para o leitor, além do título original, uma adaptação que mostra a temática escolhida pelas personagens para atuarem, já que o clima era de romance entre algumas delas.

A partir desse momento, a tradução passa a trazer somente o título adaptado “Juras de amor” sempre que a peça é mencionada na história. Mais adiante, em uma descrição da discussão dos jovens sobre as peças a se escolher, a autora as coloca todas traduzidas para o português, sem menção aos títulos originais:

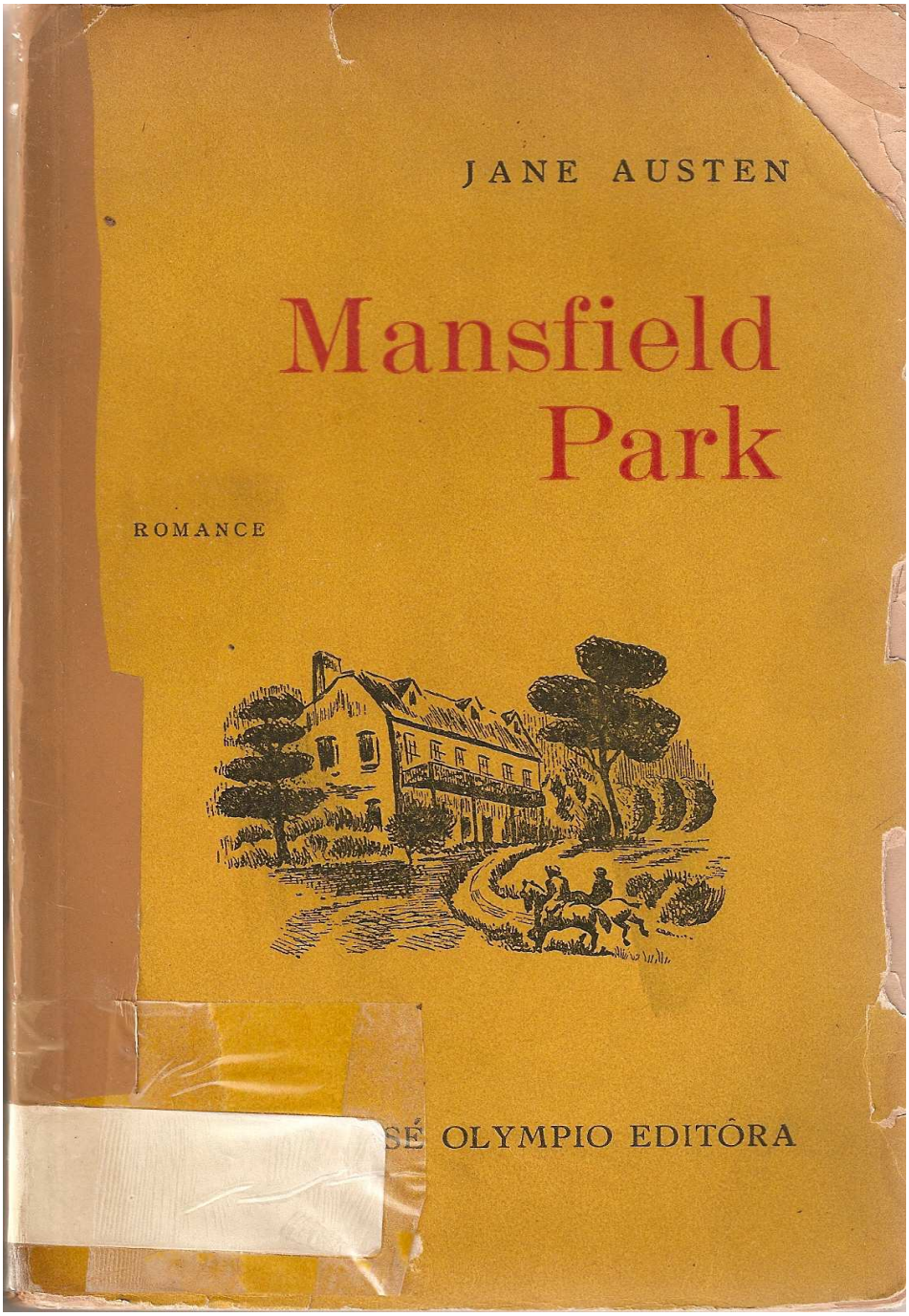
> As melhores peças foram todas estudadas inutilmente. Nem “Hamlet”, nem “Macbeth” nem “Otelo”, nem “Douglas”, nem “O Jogador”, apresentavam qualquer cousa [sic] que pudesse satisfazer até mesmo os trágicos; e “Os Rivais”, “A Escola de Escândalo”, “Roda da Fortuna”, “Herdeiros por Lei” e muitos et coeteras [...] (1958, p. 112).

Outra maneira pela qual Rachel de Queiroz imprimiu fluência ao texto traduzido foi através de ajustes sintáticos ao texto original para que a tradução soasse menos estranha ao público-alvo. Esse é mais um procedimento domesticante que ela utiliza nesse romance. Nos trechos a seguir, observa-se momentos em que a autora fez mudanças lingüísticas visando a esse fim:

TEXTO ORIGINAL	TRADUÇÃO DE RACHEL DE QUEIROZ
1. *I* dare say you *will*. You always *do*, *don’t* you? (P. 28, meu grifo)	1. E garanto que guardará. Você sempre guardou, não é? (P. 28)
2. […] and without *in the least* expecting Edmund’s attendance, she would have hastened away alone; (p. 217, meu grifo)	2. [...] e teria corrido para casa sózinha sem esperar por Edmund (p. 182)
3. […] she found from Edmund’s manner that he *did* mean to go with her. He, too, was taking leave. *She could not but be thankful*. (P.217, meu grifo)	3. [...] a moça viu pelo modo de Edmund que este tencionava voltar com ela. O primo também se estava despedindo. Ficou agradecida. (p. 182)

No exemplo 1, o trecho original traz o uso do pronome pessoal da primeira pessoa do plural – *I* –, pois, em inglês, esse uso se faz necessário devido à falta de desinências verbais que indicam essa pessoa, o que não ocorre em português. Percebe-se que Rachel de Queiroz utilizou somente o verbo *garanto* já indicando a pessoa referida. Em inglês, faz-se o uso do verbo modal *will* e do verbo auxiliar *do* nas formas afirmativa e negativa para se referirem a algo que foi dito anteriormente, sem necessidade de repetir o verbo principal, seja ele qual tenha sido. Em português, o verbo principal foi repetido – no caso, *guardar* -, pois não fazemos uso de verbo auxiliar para responder a uma pergunta, por exemplo, ou evitar uma repetição. No segundo exemplo, além de a tradutora fazer uma inversão na ordem das orações, ela também omite um trecho do original na tradução– *in the least* –, tornando a passagem bem mais sucinta. No exemplo 3, ocorre o uso do verbo auxiliar *did* logo antes do verbo principal *mean* em uma frase afirmativa para causar ênfase na fala da personagem afirmando o que está sendo dito. O mesmo não acontece em português. Poderia-se utilizar o advérbio *sim* para tal ênfase, obtendo-se um efeito parecido como: a moça viu pelo modo de Edmund que este tencionava *sim* voltar com ela. Porém, a autora preferiu deixar o trecho mais simples sem a adição de algo parecido. Ainda no mesmo exemplo, há um trecho em inglês que foi bem simplificado pela tradutora: *she could not but be thankful* seria algo como *ela não poderia fazer coisa alguma a não ser agradecer*. A solução encontrada por Rachel de Queiroz foi bem mais simples: *ficou agradecida*.

Exemplos como os comentados são, como mencionado, os mais freqüentes na tradução de Rachel de Queiroz, o que demonstra que a mesma, ao optar por um texto mais idiomático do que literal, forneceu ao público-leitor uma visão do estilo da autora que não condiz com aquele que é percebido quando o texto é lido em seu original em inglês. O mesmo tipo de conduta foi tomado quando ela traduziu o conto “Markheim”.



Capa da 2ª. edição da tradução de *Mansfield Park*, de Jane Austen, feita por Rachel de Queiroz, 1958.

OBRAS DE JANE AUSTEN

ORGULHO E PRECONCEITO — *romance* — Tradução de LUCIO CARDOSO

RAZÃO E SENTIMENTO — *romance* — Tradução de DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ

OBRAS DE RACHEL DE QUEIROZ

100 CRÔNICAS ESCOLHIDAS

TRÊS ROMANCES
(*Caminho de Pedras* — *O Quinze* — *João Miguel*)

AS TRÊS MARIAS — romance

LAMPIÃO — teatro

A BEATA MARIA DO EGITO — teatro

MARIA BÁRBARA
(romance em preparo)

ALGUMAS TRADUÇÕES

Romances:

Emily Brontë — O MORRO DO VENTO UIVANTE

John Galsworthy — O PROPRIETÁRIO (A Crônica dos Forsyte)

John Galsworthy — IRENE (A Crônica dos Forsyte)

John Galsworthy — DESPERTAR (A Crônica dos Forsyte)

Elizabeth Gaskell — CRANFORD

Pearl Buck — A PROMESSA

Forrest Rosaire — OS DOIS AMÔRES DE GREY MANNING (A Leste de Meia-Noite)

Dostoievski — OS DEMÔNIOS — 3 volumes

Dostoievski — RECORDAÇÕES DA CASA DOS MORTOS

Dostoievski — HUMILHADOS E OFENDIDOS

Dostoievski — OS IRMÃOS KARAMÁZOVI — 3 volumes

Erich Maria Remarque — ASSIM ACABA A NOITE (Náufragos)

MEMÓRIAS DE SANTA TERESA DE JESUS

Tolstoi — MEMÓRIAS

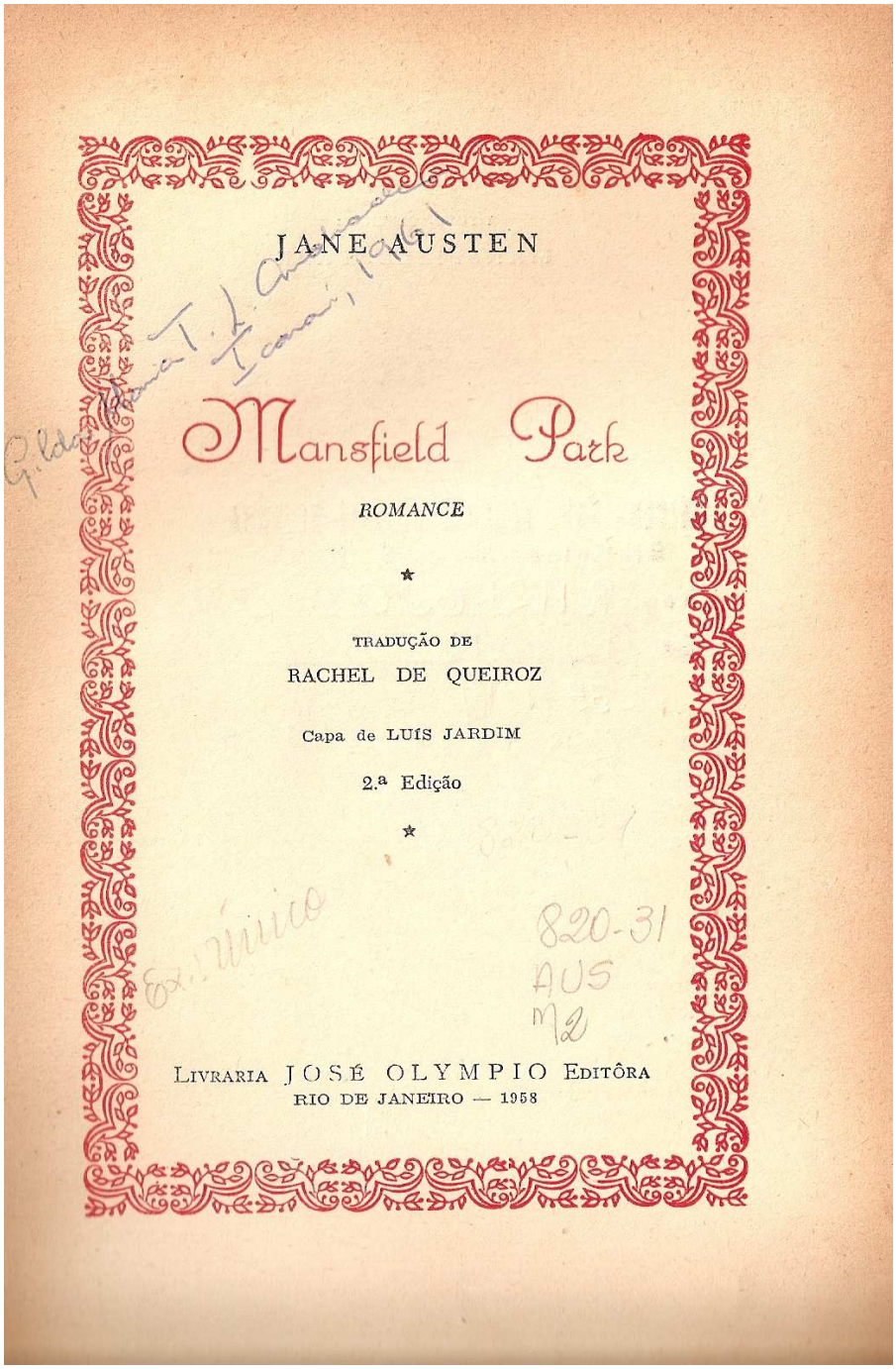
Pearl Buck — A EXILADA (Biografia da mãe da autora)

☆

LIVRARIA *JOSÉ OLYMPIO* EDITÔRA

Rio de Janeiro: Rua do Ouvidor, 110, e Avenida Nilo Peçanha, 12, 6.º andar
São Paulo: Rua dos Gusmões, 100-104
Belo Horizonte: Rua São Paulo, 684
Recife: Rua do Hospício, 155
Pôrto Alegre: Rua dos Andradas, 717

Página de abertura da 2ª. edição da tradução do romance



JANE AUSTEN

Mansfield Park

ROMANCE

★

TRADUÇÃO DE

RACHEL DE QUEIROZ

Capa de LUÍS JARDIM

2.ª Edição

★

820-31
AUS
M2

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITÔRA

RIO DE JANEIRO — 1958

Página de rosto da 2ª. edição da tradução do romance

CONCLUSÃO

Nos anos 60 e 70, Rachel de Queiroz conspirou para derrubar o governo de João Goulart e apoiou o golpe militar de 1964, como demonstra a monografia de Érika Dias, "As Traduções de Rachel de Queiroz nas Décadas de 60 e 70 do Século XX". Essa postura política de direita mostrou-se contrária àquela que a autora teve durante o período do Estado Novo, quando se dizia, no início, comunista e, mais tarde, anarquista, trotskista e anti-getulista, isto é, de esquerda. Um dos motivos alegados por Rachel de Queiroz para se colocar contra João Goulart é o de o mesmo ter alinhado-se a políticas reconhecidas como getulistas. No entanto, durante a década de 40, a despeito de condenar as práticas do ditador civil, ela prestou serviço de escritora e tradutora à editora de um grande amigo, José Olympio, que manteve relações amistosas com Getúlio Vargas e que publicou, além de discursos do mesmo, obras que enalteciam a política por ele defendida.

A década de 40 do século XX foi a que a autora mais traduziu em sua carreira, tendo a mesma deixado de lado a produção autoral para retomá-la somente nos anos 50. Das 33 obras traduzidas entre 1940 e 1948, 2 foram utilizadas para análise neste trabalho, "Markheim", de Robert Louis Stevenson, e *Mansfield Park*, de Jane Austen, ambas provenientes da língua inglesa, que, naquele momento, se sedimentava como língua de cultura no Brasil. A escolha de tais obras para tradução mostra a contribuição de Rachel de Queiroz não só para a sedimentação mencionada, como também para a discussão de assuntos polêmicos, tanto na esfera política quanto na social.

Em primeiro lugar, deve-se pensar em "Markheim" como exemplo de texto a divulgar um pensamento contrário ao anti-semitismo em uma cultura que passava a ser dependente dos Estados Unidos da América, que acolheram o povo judeu em vários momentos de seus deslocamentos. Além disso, a própria autora tinha interesse pessoal na divulgação desse pensamento, assim como José Olympio. Pode-se dizer que, ao traduzir um texto como

“Markheim”, Rachel de Queiroz atuou de acordo com o esperado pelo sistema político e social da época, pois seguia muitos preceitos norte-americanos, tais como a difusão de uma imagem diferenciada do povo judeu em época marcada por anti-semitismo em diversas culturas.

Em segundo lugar, a tradução da obra de Austen, assim como as muitas de autoria e temática femininas feitas na década de 40 por Rachel de Queiroz, revela ser conseqüência de uma nova postura social da época. Havia interesse do governo em tornar a mulher mais visível na sociedade brasileira, torná-la uma peça importante na política do país. Prova disso é que, a partir da década de 30, ela adquiriu o direito de votar e de se candidatar nas eleições. Tal posição deveria também se revelar na literatura, com o intuito de aumentar a reflexão sobre o papel da mulher na sociedade e como intelectual capaz de discutir problemas sociais de diversas amplitudes.

Tanto na tradução do conto “Markheim” quanto do romance *Mansfield Park*, Rachel de Queiroz se comportou de maneira semelhante àquela de Monteiro Lobato no que diz respeito às traduções que fez de romances de Ernest Hemingway. Ela foi culturalmente estrangeirizante por traduzir textos de autoria feminina provenientes da língua inglesa, e lingüisticamente domesticante, por ter optado por procedimentos de tradução idiomáticos. Em função das mudanças ocorridas nos contextos político e econômico brasileiros, a produção tradutória de Rachel de Queiroz na década de 40 do século XX não poderia deixar de ser culturalmente estrangeirizante, o que serve de evidência para as percepções de Even-Zohar acerca do funcionamento dos polissistemas literários, pois a cultura brasileira se alterava em face de uma nova configuração de poder mundial. Já nas décadas de 60 e 70, os textos que traduziu foram culturalmente domesticantes, pois, nos termos de Even-Zohar, contribuíram para a manutenção do centro do polissistema literário e, também, do centro do polissistema da

cultura brasileira como um todo, já que havia um grande esforço do governo norte-americano para continuar mantendo controle dos destinos de importantes nações latino-americanas como o Brasil.

A tradução dos textos aqui analisados comprovou que Rachel de Queiroz contribuiu para a construção de uma nova identidade cultural dentro do nosso país. As relações de patronagem existentes na década de 40 do século XX revelaram que a autora atuou de acordo com o poder vigente por trabalhar para uma empresa que, até mesmo por questões de sobrevivência, mantinha estreita relação com o poder. Apesar de a escritora ter dito que tinha liberdade total nas escolhas das obras a traduzir, sabe-se que a então esposa de José Olympio, Vera Pereira, era quem escolhia a maioria dos textos a serem traduzidos na época, sendo ela a responsável por esse departamento.

Portanto, o que se pôde comprovar foi o fato de a prática tradutória de Rachel de Queiroz na década de 40 ter se realizado, a exemplo do que aconteceu nas décadas de 60 e 70, em um contexto de patronagem, dessa feita determinada pela editora para a qual trabalhou e pelas relações estabelecidas pela José Olympio com o poder central, enquanto que nas décadas seguintes essas relações se deram por questões mais claramente de ordem político-partidária, embora não se possa descartar a influência da amizade e dos laços de parentesco que ela tinha com o presidente Castelo Branco.

Espera-se que este trabalho tenha contribuído para a compreensão da história da tradução em nosso país e de sua importância para os estudos sobre formação de identidades culturais, assim como para a percepção da importância da escritora de Rachel de Queiroz no cenário da tradução no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTEN, Jane. *Mansfield Park*. London: Penguin Books, 1994.

AUSTEN, Jane. *Mansfield Park*. Trad. Rachel de Queiroz. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

BAKER, Mona (ed.). Brazilian Tradition. In:--- *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge, 1998.

CADERNOS de literatura brasileira: *Rachel de Queiroz*. Número 4 – setembro de 1997. 1ª reimpressão janeiro 2002. São Paulo: IMS.

CAMPOS, Giovana Cordeiro. *For whom the bell tolls, de Ernest Hemingway, e suas traduções no contexto brasileiro*. Juiz de Fora: Instituto de Ciências Humanas e Letras, 2004. (Dissertação de mestrado em Letras, área de concentração: Teoria da Literatura).

CARONE, Edgard. *O Estado Novo (1937-1945)*. 5 ed. Rio: Bertrand Brasil, 1988.

DIAS, Érika Paula Faria. As traduções de Rachel de Queiroz nas décadas de 60 e 70 do século XX. Juiz de Fora: Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFJF, 2002. (Monografia de conclusão do Bacharelado em Letras – ênfase em Tradução/Inglês).

EVANS, Ifor. *História da literatura inglesa*. Trad. A. Nogueira Santos. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

EVEN-ZOHAR, Itamar. The position of translated literature within the literary polysystem. In: Holmes, J. S. et al. (ed.). *Literature and translation:* new perspectives in literary studies. Leuven: Acco, 1978. p. 117-127.

GARCIA, Nelson Jahr. *O Estado Novo*: ideologia e propaganda política: a legitimação do estado autoritário perante as classes subalternas. São Paulo: Loyola, 1982.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*: sua história. Trad. Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira, revista e atualizada pelo autor. São Paulo: EDUSP, 1985.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Rachel de Queiroz*. Rio: Agir, 2005. Coleção Nossos Clássicos.

LEFEVERE, André. The system: patronage. In:--- *Translation, rewriting and the manipulation of literary frame*. London, New York: Routledge, 1992. p. 1-11.

MICELI, Sérgio. Energias do retrato. In:--- *Imagens negociadas*: retratos da elite brasileira (1920-40). São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 11-24.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luíza de. *Tantos anos*. 3 ed. São Paulo: Siciliano, 1999.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil*: de Getúlio Vargas a Castelo Branco, 1930-1964. 10 ed. Trad. coordenada por Ismênia Tunes Dantas. Apres. de Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

STEVENSON, Robert Louis. "Markheim". Trad. Rachel de Queiroz. In: BRAGA, Rubem (org.). *Contos Ingleses*: os clássicos. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

VENUTI, Lawrence. A formação de identidades culturais. In:--- *Escândalos da tradução*: por uma ética da diferença. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marleide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru, EDUSC, 2002. p. 129-167.

VENUTI, Lawrence. Invisibility. In: --- *The translator's invisibility*: a history of translation. London, New York: Routledge, 1995. p. 129-167.

VILLAÇA, Antônio Carlos. *José Olympio*: o descobridor de escritores. Rio de Janeiro: Thex, 2001.

WYLER, Lia. *Línguas, poetas e bacharéis*: uma crônica da tradução no Brasil. Rio: Rocco, 2003.

Internet

http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/, página consultada em 01/06/07.

www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u38515.shtml, página consultada em 10/10/06.

www.jornaldosamigos.com.br/rachel_de_queiroz.htm, página consultada em 10/10/06.

www.releituras.com/racheldequeiroz_bio.asp, página consultada em 10/10/06.

STEVENSON, Robert Louis. "Markheim". Capturado de www.eastoftheweb.com/short-stories/UBooks em 15 de julho de 2005.

Obras de referência

Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI – versão 3.0 – 1999.

Enciclopédia Multimídia Microsoft Encarta – 2001.

Encyclopeadia Britannica 2005 Deluxe Edition CD-ROM.

Oxford Advanced Learners – New for 2000.

ANEXOS

LEVANTAMENTO DE OBRAS TRADUZIDAS POR RACHEL DE QUEIROZ POR ORDEM ALFABÉTICA DE AUTORES (Estimativa)

DÈCADA DE 40

Autor / Título traduzido	**Data de tradução**	**Língua de partida**	**Gênero literário**	**Editora**
AUSTEN, Jane. M*ansfield Park*.	1942	Inglês	Romance	José Olympio
BALZAC, Honoré de. *A mulher de trinta anos*	1948	Francês	Romance	José Olympio
BAUM, Vicki. *Helena Wilfuer*	1944	Inglês	Romance	José Olympio
BELLAMANN, Henry. *A intrusa*	1945	Inglês	Romance	José Olympio
BENET, Stephen V. *O diabo e Daniel Webster*	-	Inglês	Conto	José Olympio
BOTTONE, Phillis. *Tempestade d'alma*	1943	Inglês	Romance	José Olympio
BRONTË, Emily. *O morro dos ventos uivantes*	1947	Inglês	Romance	José Olympio
BRUYÈRE, André. *Os Robinsons da montanha*	1948	Francês	Romance	José Olympio
BUCK, Pearl. *A promessa*	1946	Inglês	Romance	José Olympio
BUCK, Pearl. *A exilada*: retrato de uma mãe americana	1943	Inglês	Biografia	José Olympio
BUTLER, Samuel. *Destino da carne*	1942	Inglês	Romance	José Olympio
CRONIN, A. J. *A família Brodie*	1940	Inglês	Romance	José Olympio
CRONIN, A. J. *Anos de ternura*	1947	Inglês	Romance	José Olympio
CRONIN, A. J. *Aventuras da maleta negra*	1948	Inglês	Romance	José Olympio
DONAL, Mario. *O quarto misteriosos e Congresso de bonecas*	1947	Inglês	Romance	José Olympio
DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Humilhados e ofendidos*	1944	Francês Trad. in.	Romance	José Olympio
DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Recordações da casa dos mortos*	1945	Francês Trad. in.	Romance	José Olympio
DU MAURIER, Daphne. *O roteiro das gaivotas*	1943	Inglês	Romance	José Olympio
DUMAS, Alexandre. *Memórias de Alexandre Dumas,* pai	1947	Francês	Biografia	José Olympio
GALSWORHY, John. *A crônica dos Forsyte* -3v.	1946	Inglês	Romance	José Olympio
GASKELL, Elisabeth. *Cranford*	1946	Inglês	Romance	José Olympio
HILTON, James. *Fúria no céu*.	1944	Inglês	Romance	José Olympio
LA CONTRIE, M.de. *Aventuras de Carlota*	1947	Francês	Romance	José Olympio
LOISEL, Y. *A casa dos cravos brancos*	1947	Francês	Romance	José Olympio
PROUTY, Olive. *Stella Dallas*	1945	Inglês	Romance	José Olympio
REMARQUE, Erich Maria. *Náufragos*	1942	Inglês	Romance	José Olympio
ROSAIRE, Forrest. *Os dois amores de Grey Manning*	1948	Inglês	Romance	José Olympio
STEVENSON, Robert Louis. *"Markheim"*	-	Inglês	Conto	José Olympio
STONE, Irwin. *Mulher imortal*	1947	Inglês	Biografia	José Olympio
TERESA DE JESUS, Santa. *Vida de Santa Teresa de Jesus*	1946	Espanhol	Biografia	José Olympio
TOLSTOI, Leon. *Memórias*		Francês	Biografia	José Olympio
VERDAT, Germaine. *A conquista da torre misteriosa*	1948	Francês	Romance	José Olympio
WHARTON, Judith. *Eu soube amar*	1940	Inglês	Romance	José Olympio
Total: 33				

DÉCADA DE 50

Autor / Título traduzido	Data de tradução	Língua de partida	Gênero literário	Editora
CRONIN, A. J. *Os deuses riem*	1952	Inglês	Teatro	José Olympio
DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os demônios*	1951	Francês	Romance	José Olympio
DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os irmãos Karamazov (3v.)*	1952	Francês	Romance	José Olympio
ROSMER, Jean. *A afilhada do imperador*	1950	Inglês	Romance	José Olympio
SAILLY, Suzanne. *A deusa da tribo*	1950	Inglês	Romance	José Olympio
WILLEMS, Raphaelle. *A predileta*	1950	Inglês	Romance	José Olympio
Total: 6				

DÉCADA DE 60

Autor / Título traduzido	Data de tradução	Língua de partida	Gênero literário	Editora
CHAPLIN, Charles. *Minha vida*	1965	Inglês	Romance	José Olympio
HEIDENSTAN, Verner Von. *Os Carolinos*: crônica de Carlos XII	1963	Sueco	Romance	Delta
MAURIAC, François. *O deserto do amor*	1966	Francês	Romance	Delta
Total: 3				

DÉCADA DE 70

Autor / Título traduzido	Data de tradução	Língua de partida	Gênero literário	Editora
CHRISTIE, Agatha. *A mulher diabólica*	1971	Inglês	Romance	José Olympio
FREMANTLE, Anne. *Idade da fé*	1970	Inglês	Romance	José Olympio
GAUTHIER, Theóphile. *O romance da múmia*	1972	Francês	Romance	Edições Ouro
LONDON, Jack. *O lobo do mar*	1972	Inglês	Romance	Edições Ouro
VERNE, Júlio. *Miguel Strogoff*	1972	Francês	Romance	Edições Ouro
Total: 5				

TOTAL GERAL: 47